



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Faculdade de Direito e Relações Internacionais

Curso de Relações Internacionais – FADIR

LUAN MACENA FERREIRA E SILVA

**OS IMPACTOS DA EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA IN NATURA NAS
RELAÇÕES COMERCIAIS RUSSO-BRASILEIRAS: 2003 A 2010.**

**Dourados - MS
2017**

LUAN MACENA FERREIRA E SILVA

**OS IMPACTOS DA EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA IN NATURA NAS
RELAÇÕES COMERCIAIS RUSSO-BRASILEIRAS: 2003 A 2010.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharelem Relações Internacionais.

Orientador: Professor Doutor Rafael
Gonçalves Gumiero

**Dourados - MS
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586i Silva, Luan Macena Ferreira E
OS IMPACTOS DA EXPORTAÇÃO DA CARNE BOVINA IN NATURA
NAS RELAÇÕES COMERCIAIS RUSSO-BRASILEIRAS COM ÊNFASE NO
AGRONEGÓCIO: 2003 A 2010. / Luan Macena Ferreira E Silva -- Dourados:
UFGD, 2017.
58f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Rafael Gonçalves Gumiero

TCC (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Direito e
Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. Carne Bovina In Natura. 2. Relação Brasil e Rússia. 3. Relação Centro
Periferia. 4. Subdesenvolvimento. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta e um dias mês de março de 2017, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais o (a) aluno (a) **Luan Macena Ferreira e Silva** tendo como título "*Os Impactos da Exportação de Carne Bovina In Natura nas Relações Comerciais Russo-Brasileiras: 2003 a 2010*".

Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. Rafael Gonçalves Gumiero (orientador), Me. Roberto Mauro da Silva Fernandes (examinador) e o Dr. Hermes Moreira Junior (examinador).


Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado (a) APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:


Dr. Rafael Gonçalves Gumiero
Orientador


Me. Roberto Mauro da Silva Fernandes
Examinador


Dr. Hermes Moreira Junior
Examinador

RESUMO

Neste trabalho o objeto são as relações comerciais Brasil-Rússia, com enfoque nas exportações brasileiras de carne bovina *in natura* no período 2003 e 2010. O objetivo é analisar a inserção do Brasil pelas exportações de carne bovina no comércio internacional e a sua relação com a Rússia, um dos maiores importadores deste segmento. Questiona-se a partir da escolha teórica de Raúl Prebisch e Celso Furtado a inserção periférica do Brasil no comércio internacional, evidenciada nas relações comerciais com a Rússia. Complementa a base teórica de análise, dados estatísticos da pauta importadora e exportadora entre Brasil e Rússia. No período em análise pode-se observar, que foi marcado pela expansão do mercado agroexportador, evidenciado, sobretudo, pelo crescimento econômico agroexportador brasileiro e importador russo, fatores esses que legitimam a teoria de Prebisch e Furtado.

Palavras-chave: Carne Bovina *in natura*; Relação Brasil e Rússia; Relação Centro Periferia; Subdesenvolvimento.

ABSTRACT
RELATIONS RUSSIAN-BRAZILIAN BETWEEN THE YEARS 2003 AND 2010
AND IMPACTS FOR MEAT EXPORT BEEF *IN NATURA*

The subject of this study are the Brazil-Russia trade relations, with a focus on Brazilian exports of fresh beef in the period of 2003-2010. The purpose of this research is to analyze the insertion of Brazil in beef exports in international trades and its relationship with Russia, one of the largest importers of this segment. It's questioned from the theoretic choice of Raúl Prebisch and Celso Furtado, the peripheral insertion of Brazil into international trade evidenced in trade relations with Russia. The statistical data of the import and export tariff between Brazil and Russia complement the theoretical basis of analysis. It was observed that the period under analysis was marked by the expansion of the agro-export Market, proved mainly by the Brazilian agro-export economic growth and Russian importer, these factors legitimize the theory of Prebisch and Furtado.

Keywords: Beef *In natura*; Brazil and Russia Relationship; Foreign Trade.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Variação do PIB Brasileiro 2000-2016 (%).....	27
Gráfico 2- Taxa de % da participação do Brasil no comércio Internacional 1990 - 2015.....	28
Gráfico 3 - Participação em % do Comércio Externo no PIB do Brasil 1990 – 2015....	29
Gráfico 4 - Saldo comercial da balança de pagamentos do Brasil 1990 - 2015.....	29
Gráfico 5 - Evolução do Comércio Exterior Brasileiro 1990 - 2015.....	30
Gráfico 6 – Variação da Exportação por Fator Agregado no Brasil 2003 à 2016.....	31
Gráfico 7 - Participação das Exportações por Blocos Econômicos no Cenário Internacional (2016).....	31
Gráfico 8 - Principais Mercados Fornecedores ao Brasil (2016).....	32
Gráfico 9 - Participação em % da Pauta Importadora por Categoria de Uso do Brasil 2003 à 2016.....	33
Gráfico 10 - Evolução Percentual do PIB da Rússia (2002-2015).....	38
Gráfico 11- Pauta Importadora russa em (Bil.) de dólares.....	39
Gráfico 12- Pauta Exportadora Russa em (Bil.) de dólares.....	39
Gráfico 13- Evolução do Comércio Exterior Russo.....	40
Gráfico 14 – Evolução da Exportação de Carne Bovina <i>In Natura</i> em Bilhões de Dólares para a Rússia.....	48
Gráfico 15- Evolução da Exportação de Carne Bovina <i>In Natura</i> em Quantidade (Toneladas) para a Rússia.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os 5 Principais Produtos da Pauta Exportadora Russa (2014).....	40
Tabela 2- Intercâmbio Comercial Brasil x Rússia.....	44
Tabela 3- Principais Mercadorias Exportadas para a Rússia 2005.....	44
Tabela 4- Principais Mercadorias Exportadas para a Rússia 2016.....	45
Tabela 5- Principais Produtos Importados pelo Brasil da Rússia 2005.....	45
Tabela 6- Principais Produtos Importados pelo Brasil da Rússia 2016.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tese de Raul Prebisch.....	15
Quadro 2 – Principais Parceiros Comerciais da Rússia 2000-2015	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: O SUBDESENVOLVIMENTO E A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA CEPALINA PARA A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E RÚSSIA.....	10
1.1 Raúl Prebisch: Sistema Centro-Periferia.....	11
1.2 Celso Furtado e o Processo de Subdesenvolvimento.....	16
1.3 Alexander Gersckenckron e a sua tese do Atraso Relativo.....	20
1.4 Considerações Parciais.....	22
CAPÍTULO 2: AS CONSEQUENCIAS DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS NAS ECONOMIAS BRASILEIRA E RUSSA.....	23
2.1. Consenso de Washington e neoliberalismo na América Latina.....	23
2.2 A inserção da economia brasileira no comércio internacional (2000-2015).....	25
2.3.1 Reformas e reestruturação da economia russa (1980-1990).....	33
2.3.2 Inserção da economia russa no comércio internacional (2000-2015).....	37
2.4 Considerações Parciais.....	41
CAPÍTULO 3: BALANÇOS E PERSPECTIVAS DO COMÉRCIO BILATERAL BRASIL – RÚSSIA (2003-2010).....	43
3.1. O componente carne na pauta exportadora do Brasil nas relações comerciais com a Rússia.....	43
3.2. Perspectivas críticas em relação ao comércio Brasil e Rússia.....	46
3.3. Considerações Parciais.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

O estabelecimento de relações comerciais entre Brasil e Rússia vem sendo objeto de importantes pesquisas, sobretudo, pelo envolvimento e participação de ambos os países no grupo dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). A crescente relação entre esses países faz com que diversos pesquisadores venham se debruçar sobre a importância das relações estabelecidas entre eles, tanto na esfera multilateral quanto bilateral. Nesse sentido, este trabalho busca compreender as relações comerciais e econômicas estabelecidas entre dois desses países: Brasil e Rússia.

Muitas são as perguntas e enfoques que podem ser feitos no que diz respeito à histórica relação entre esses países, assim, este trabalho se debruçará sobre a compreensão e análise das relações comerciais de exportação da carne bovina *in natura* brasileira para Rússia, no período de 2003 a 2010. A hipótese de pesquisa é a de que a Rússia exerce, por meio das relações bilaterais, relação de dominação sob o Brasil e a expansão do comércio internacional entre estes dois países, pelo segmento de carne *in natura* legitima essa suspeita.

A importância e justificativa desse trabalho se dão pelo fato de a Rússia ser um dos principais parceiros comerciais do Brasil no que diz respeito à exportação de carne, a qual é um importante e substancial produto da pauta exportadora brasileira.

Para análise das relações comerciais entre o Brasil e a Rússia optou como recorte teórico da teoria de Raúl Prebisch, um dos fundadores da Teoria da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), na virada dos anos 1940 para 1950. Celso Furtado, também fez parte da primeira geração de economistas da CEPAL, e produziu uma teoria do Desenvolvimento que desse conta de compreender o subdesenvolvimento do Brasil. Complemento o aporte teórico com a tese de Alexander Gerschenkron sobre o processo de modernização da Rússia. Para a análise das relações bilaterais Brasil e Rússia optou pela coleta de dados nos sites Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) e Russian federal state statistic service.

Este trabalho de conclusão de curso está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo apresentará considerações teóricas Raúl Prebisch e Celso Furtado que, a partir de suas contribuições, auxiliam a compreender a relação comercial entre Brasil e Rússia ao avaliar a posição que esses países ocupam no sistema comercial internacional, assim como, ao proporem a importância do processo de industrialização para o avanço do

desenvolvimento brasileiro, estabelecendo relações mais equivalentes com o país russo. Gerschenkron completa a tríade de teóricos do primeiro capítulo, ao apontar as decisões estratégicas tomadas pela Rússia em seu processo de modernização no século XX.

Em seguida, no segundo capítulo, serão apresentados elementos que permeiam a trajetória das economias de Brasil e Rússia na virada dos anos 1980 para 1990, momento em que foram fortemente abaladas pelas políticas neoliberais e do *Consenso de Washington*. Este capítulo se dedicará a apresentar aspectos específicos a respeito destas economias, e qual foi a estratégia adotada por elas para a sua inserção no comércio internacional. De modo que, seja possível compreender que Brasil e Rússia tomaram caminhos diferentes para buscar o desenvolvimento.

No terceiro e último capítulo serão apresentadas considerações a respeito da relação específica entre Brasil e Rússia, no que diz respeito à comercialização de carne bovina *in natura*. Nessa perspectiva, serão elencados a importância desse comércio para o Brasil, o qual se coloca como um importante ator na exportação desse produto, assim como, das consequências dessa relação para este país. Por fim, serão levantadas algumas considerações que tem por objetivo apresentar algumas considerações a respeito do conteúdo apresentado neste trabalho.

CAPÍTULO 1 - O SUBDESENVOLVIMENTO E A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA CEPALINA PARA A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E RÚSSIA

Ao buscar compreender o processo histórico e o envolvimento que leva o estabelecimento de relações de comerciais e econômicas entre Brasil e Rússia, alguns elementos teóricos dão base e permitem um maior esclarecimento das ideias aqui apresentadas. Deste modo, a primeira parte deste capítulo, objetiva apresentar, sobretudo, considerações de cunho teórico que auxiliam na problematização da questão aqui proposta e, além disso, são fundamentais para a compreensão de como essas relações, no que diz respeito à exportação de carne bovina *in natura* brasileira, afetam e refletem comportamentos que marcaram as relações entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Para tal tarefa, este trabalho buscará se apoiar nos escritos de dois importantes teóricos da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) que formularam a metodologia estruturalista¹: o argentino Raúl Prebisch (1901-1986), o brasileiro Celso Furtado (1920-2004). Dialoga com os cepalinos Alexander Gersckenckron (1904-1978) que interpretou o subdesenvolvimento dos países do leste europeu, As teses desses três teóricos partem de uma análise que podem dar subsídios a este trabalho, visto que buscam entender a relação entre os países desenvolvidos e os da América Latina (periferia), sobretudo, nessa perspectiva, com relação ao desenvolvimento do sistema capitalista. Ou seja, deste modo e de uma forma geral, ambos objetivaram compreender a relação de fragilidade e subordinação à que foram e são submetidos os países da América Latina em relação aos do centro capitalista (Estados Unidos, Europa, Japão).

Rául Prebisch² contribuiu para a formulação de uma interpretação do sistema centro periferia. Ou seja, a partir, da produção de sua tese buscou-se compreender o plano de fundo que dá base à análise presente neste trabalho no que diz respeito à exportação de carne bovina do Brasil para a Rússia.

¹ A teoria estruturalista tem como objetivo destacar e analisar as restrições ao crescimento da América Latina com base em condições estruturais específicas à ela, visto que é tida como periferia do mundo desenvolvido.

² Segundo Couto (2007), todo o pensamento sobre o desenvolvimento econômico desenvolvido por Prebisch passou por cinco etapas sucessivas, as quais foram apresentadas pelo mesmo no ensaio *Cinco etapas de mi pensamiento sobre El desarrollo*.

Com relação às contribuições de Celso Furtado, será apresentada, sobretudo, a percepção de subdesenvolvimento, visto que o entendimento desse autor o diferencia de outros autores que compreendem o subdesenvolvimento enquanto uma fase do desenvolvimento capitalista. Para Furtado, a sua contribuição para este trabalho, é que se busca entender que o Brasil, na relação aqui explorada, ocupa o lugar de país subdesenvolvido e que sua relação com o país russo está condicionada à posição que ocupa nas relações bilaterais comerciais.

Gersckenckron partiu da premissa que o atraso seria relativo, podendo ocasionar possíveis casos de desenvolvimentos em decorrência deste estímulo tardio, ou seja, poderia ser caracterizado como um caminho já explorado, o que ocasionaria otimização de recursos para o país buscar o desenvolvimento.

Buscará se destacar a importância que é dada por ambos os autores ao processo de industrialização, visto que, para eles, esse processo coordenado de dentro da estrutura do país e, sobretudo no caso de Furtado, com relação à participação do Estado nesse processo, é que permitiria aos países da América Latina uma posição e desenvolvimento diferentes.

1.1 Raúl Prebisch: Sistema Centro-Periferia

Segundo Couto (2007), a primeira etapa do pensamento desenvolvimento teórico de foi em 1943, quando ele saiu da Direção Geral do Banco Central da Argentina e fundou a CEPAL. Durante os três anos que separam a sua saída do Banco Central para assumir cargo na Comissão³, Prebisch esteve na Faculdade de Ciências Econômicas de Buenos Aires, onde começou a desenvolver os pensamentos e estudos que antecederam ao desenvolvimento da ideia de sistema centro-periferia.

Sobre o desenvolvimento do conceito centro-periferia, de acordo com Rodríguez (1981) esse teria aparecido pela primeira vez em 1946 na obra intitulada *Memoria de la Primera Reunión de Técnicos sobre Problemas de Banco Central Del Continente Americano* (COUTO, 2007; BORJA, 2013):

³Raúl Prebisch chegou a CEPAL em 1949 para a realização de uma consultoria com prazo determinado, apenas em 1950 assumiu a consultoria executiva da Comissão. Segundo Borja (2013), “Seu trabalho na comissão ganhou destaque internacional através de três textos, considerados por diversos comentadores como inaugurais do estruturalismo latino-americano: *O Desenvolvimento Econômico da América Latina e Alguns de seus Principais Problemas* (1949); *Crescimento, Equilíbrio e Disparidades: interpretação do processo de desenvolvimento econômico* (1950) – parte introdutória ao famoso *Estudo Econômico da América Latina*, 1949; e *Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico* (1951)” (BORJA, 2013, p.136).

Os Estados Unidos, a meu ver, desempenham ativamente o papel de centro cíclico principal, não só no continente, mas em todo o mundo; os países latino-americanos estão na periferia do sistema econômico (...) Por que chamo os Estados Unidos de centro cíclico? Porque deste país, em função da sua magnitude e de suas características, partem os impulsos de expansão e contração na vida econômica mundial e especialmente na periferia latino-americana, cujos países estão sujeitos as influencias destes impulsos, como haviam estado anteriormente, quando a Grã-Bretanha tinha o papel de centro cíclico principal (...) Eu creio que o movimento cíclico é universal, que há um só movimento que vai se propagando de país a país. Portanto, não se deveria dividir o processo em várias partes independentes; não há um ciclo nos Estados Unidos e um ciclo em cada um dos países da periferia. Tudo constitui um só movimento, mas dividido em fases muito distintas com características claramente diferentes, segundo se trate do centro cíclico ou da periferia. Por esta última razão, apesar de ser o processo um só, as suas manifestações são muito diversas, de acordo com o lugar em que nos situemos (...) Sustento, por isso, que é impossível aplicar uma política uniforme para abordar os problemas emergentes do ciclo econômico. Não é possível usar na periferia as mesmas armas de intervenção e regulamentação monetária que se usa no centro cíclico (COUTO, 2007, p.4).

Prebisch ([1949] 2011) na formulação da teoria do subdesenvolvimento buscou solidificar o entendimento e análise sobre o sistema centro-periferia, no qual a região periférica seria simplificada e caracterizada no setor primário exportador em comparação ao desenvolvido e industrializado centro, causando um forte desequilíbrio na balança comercial da periferia e dependência econômica com o centro.

O crescimento desigual seguido desde a histórica crise de 1930 alavancou a quebra de possibilidades relativamente justas nos termos de trocas entre os países, as especializações em produções e futuramente exportações de produtos primários e ou commodities tem tornado uma situação de dependência destes países subdesenvolvidos desde o começo do século XX, dificultando a inserção de tecnologias e pólos tecnológicos nessas regiões, na qual o desenvolvimento foi tardio e especializado em produtos primários exportadores.

Com base nessas observações e postulações teóricas, Prebisch ([1949] 2011), então, passou a propagar a ideia do sistema centro-periferia para o caso de análise de países da América Latina. Com isso, passou a apontar para a existência, no sistema econômico mundial, de centros industriais que ocupam a posição de núcleo dinâmico dentro desse sistema e, além deles, de uma periferia que estava direcionada à demanda por bens agrícolas pelos países centrais.

O pensamento de Prebisch ([1949] 2011) sobre centro-periferia posicionou a América Latina como periferia para o restante do mundo, e as regiões de países caracterizados como potências, receberam o título de centro por suas “conquistas”. Segundo Couto (2007) a periferia foi o resultado histórico da maneira como se propagou o progresso técnico na economia mundial, dando lugar às estruturas produtivas diferentes, nas relações centro e periferia.

Em suma, Prebisch ([1949] 2011) apontou para o fato de que o sistema econômico (capitalista) mundial era puxado e coordenado pelo centro industrial e também para a falácia da ideia de que o progresso técnico dos centros seria distribuído para a periferia. Pôde então ser constatado a deterioração dos termos de troca entre os produtos produzidos na periferia, por conta do baixo valor agregado dos produtos agrícolas, em comparação ao valor superior dos produtos industrializados, produzidos no centro. A relação comercial entre estes dois polos produtivos ocasionava além do déficit na balança comercial da periferia, a sua dependência por produtos industrializados.

Nesse sentido, segundo Prebisch ([1949] 2011), o movimento cíclico da econômica capitalista teria a tendência a pressionar e manter o subdesenvolvimento em países da periferia, isto porque, como já apontado, enquanto os centros se concentram na atividade industrial, os países da periferia desse sistema se dedicaram na especialização de produtos primários, os quais apresentam uma tendência à queda de preço. No seu trabalho de 1949 *O Desenvolvimento Econômico da América Latina e Alguns de seus Principais Problemas*, o autor apontou para essas considerações, ou seja, das condições da deterioração dos termos de troca, a partir do salário dos trabalhadores. Nesse, demonstrou como os trabalhadores da periferia sofrem com a redução de seus salários, ao competirem com a resistência apresentada pelos trabalhadores do centro e que lhes é transferida, o que resulta, conseqüentemente, na queda nos preços de exportação. Assim:

A capacidade maior das massas dos centros cíclicos para obter aumentos de salários na crescente e defender seu nível na minguante e a aptidão desses centros para deslocar, graças ao papel que desempenham no processo produtivo, a pressão cíclica para a periferia – obrigando-a a comprimir sua renda mais intensamente do que nos centros- explicam por que, persistentemente, a renda nestes tende a subir mais intensamente do nos países da periferia, como é evidente na experiência da América Latina. Nisso está a chave do fenômeno pelo qual os grandes centros industriais não apenas retêm para si o fruto da aplicação das inovações técnicas em sua própria economia, mas se encontram também em posição favorável para captar uma parte do

fruto do progresso técnico da periferia (PREBISCH, [1949] 2011, p.108).

Diante dessa questão, Prebisch apresenta como alternativa de desenvolvimento dos países periféricos a possibilidade de alteração desse ciclo por meio da industrialização. Assim, para o autor, a superação dessa condição passaria pela industrialização por substituição de importações, que, entretanto, deveria obedecer a uma lógica na qual deve “se buscar um balanço entre a industrialização e produção primária para exportação” (BORJA, 2013, p.140).

No artigo, *Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico*, de 1951, Prebisch passou a propor uma política de intervenção estatal que fosse ligada a elaboração do projeto de industrialização da periferia, com o intuito de reduzir parte da política protecionista, além de buscar meios industriais substitutivos, equilibrando a indústria e a agricultura.

Cabe-se ressaltar também que, as ideias do autor aqui apresentado, vão em direção à valorização dos investimentos feitos pelo capital nacional em detrimento do estrangeiro, que deveria funcionar apenas de maneira complementar. É, portanto, nesse sentido, que se encontra o papel do Estado apontado por Prebisch no desenvolvimento das economias periféricas. Importantes medidas também são apontadas pelo autor no que diz respeito ao sistema tributário, o qual deveria aumentar a capitalização privada e incentivar a iniciativa privada. Nesse sentido também está à relação com o regime de posse da terra:

[...] essa forma de posse e o alto valor da terra [...] tornam difícil o acesso do solo para os agricultores sem terra, e estes se vêem forçados a investir seus recursos limitados em frações de terra pequenas demais para gerar um padrão de vida mais alto que o do camponês assalariado, que é muito precário na maioria dos países. Daí o espetáculo singular da pulverização da terra em numerosíssimos lotes antieconômicos, que representam uma pequena parte da superfície total, em contraste com um número exíguo de proprietários que abarcam a maior parte da terra disponível (PREBISCH, [1951] 2011, p.294).

Ainda com relação à questão do desenvolvimento dos países da periferia latino-americana, Prebisch([1951] 2011)marcou a posição de que as taxas e/ou níveis de exportação seriam importantes se concatenadas com a necessidade dinâmica da industrialização. Para o autor, se esses países visassem crescer apenas com base na exportação, teriam um nível de crescimento que os deixariam reclusos a crescer sempre menos do que os países centrais.

A industrialização para Prebisch ([1951] 2011) é a estratégia para o crescimento econômico dos países da periferia. Para este autor a industrialização relaciona com o aumento da renda global e per capita, cabendo assim, a dinamização da economia desses países. Nesse sentido, para Prebisch:

As atividades de exportação dos países latino-americanos são insuficientes para absorver o aumento da população ativa disponível, em virtude de seu crescimento vegetativo e do progresso técnico. A industrialização, antes de mais nada, desempenha o papel dinâmico de absorver diretamente a população ativa excedente e de estimular outras atividades, inclusive a agricultura de consumo interno, a fim de que elas contribuam par ao mesmo objetivo. Desse modo, por meio do progresso técnico e da industrialização, vai aumentando a renda global e melhorando a renda per capita. À medida que a renda vai aumentando dessa maneira e que se modifica a composição da demanda, é indispensável ir transformando a composição das importações e desenvolvendo a produção substitutiva interna, para que outras importações possam crescer intensamente (PREBISCH, [1951] 2011, p.278).

Desta forma, Prebisch ([1951] 2011) indica também que o progresso técnico foi orientado pelos países centrais e que assim, eles conseguem aumentar seu volume de produção, assim como, economizar na mão de obra, o que no conjunto dos fatores, prejudica os países periféricos, os quais possuem abundância de mão de obra e pouco capital.

Em suma, o argentino Raúl Prebisch ([1951] 2011), o qual fundamentou e deu base a um tipo de pensamento econômico sobre a condição periférica da América Latina, percebeu, a partir e na relação do sistema centro-periferia, o ponto central e nevrálgico da condição a que está submetida os países latino-americanos. Assim, para esse autor a situação agrária exportadora deve ser superada e elaborada conjuntamente com o avanço da industrialização desses países, sendo essa a forma encontrada para melhores níveis de crescimento por parte dos países da América Latina.

A tabela abaixo traz um compilado de informações que dão um breve resumo acerca da obra de Prebisch e aponta para elementos e informações teóricas apresentadas anteriormente nesse trabalho:

Quadro 1 - Tese de Raúl Prebisch

Características das economias latino-	Implicações para a industrialização e o
--	--

americanas	crescimento
Baixa diversidade produtiva.	Necessidade de investimento simultâneo em diversos setores, processo muito exigente em termos de poupança, investimento e divisas estrangeiras.
Especialização na agropecuária e em mineração.	Limitada capacidade para gerar divisas externas por causa da baixa demanda mundial por exportações primárias e da deterioração dos termos de intercâmbio, com forte pressão por divisas por causa da elevada elasticidade-renda das importações exigidas pela industrialização.
Heterogeneidade produtiva: setores com alta produtividade coexistem com abundante ocupação de mão de obra em níveis próximos à subsistência.	Baixa produtividade média e reduzido excedente, considerado como proporção de renda.
Institucionalidade inadequada e falta de capacidade empresarial.	Baixa propensão a poupar e investir; insuficiente acumulação de capital e de progresso técnico (parte do excedente é desperdiçada com consumo supérfluo e investimentos improdutos).

Fonte: PREBISCH, Raúl. *O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios*. 2011, p.11.

Feitas as considerações a respeito de alguns aspectos teóricos elaborados por Prebisch, sobretudo com relação ao conceito de sistema centro-periferia, a seguir serão apresentados os fundamentos e contribuições teóricas de outro teórico estruturalista e cepalino, o brasileiro Celso Furtado.

1.2 Celso Furtado e o Processo de Subdesenvolvimento

Celso Furtado teve como um de seus principais objetos de estudo e pesquisa a questão do “subdesenvolvimento” e utilizou-se do aporte estruturalista para desenvolver suas considerações a respeito do que ele entendia ser esse conceito. No qual, entre as características básicas de sua obra trouxe uma nova premissa de idéia teórica por volta dos anos de 1950 capaz de sobrepujar as teorias encontradas a respeito da temática. De acordo com Furtado (1961):

Derivar um modelo abstrato do mecanismo dessas economias [desenvolvidas], em seu estágio atual, e atribuir-lhe validade universal valeria por uma reencarnação do homo economicus, em cuja psicologia rudimentar os clássicos pretenderam assentar as leis

econômicas fundamentais. A dualidade óbvia que existe e se agrava, cada dia mais, entre as economias desenvolvidas e as subdesenvolvidas exige uma formulação desse problema em outros termos (FURTADO, 1961, p.177-178).

Relacionado a importância dos escritos de Furtado, segundo Pereira (2005), ele foi o responsável por desenvolver um enfoque *estruturalista-histórico-dualista*, o qual da base para um tipo de explicação própria para o subdesenvolvimento brasileiro, o método furtadiano. Para a autora, as principais características do método de Furtado são:

- a) o estudo da dependência, deve partir de uma visão global da economia mundial e de uma visão particular da dinâmica das economias dominadas;
- b) a visão histórica, é peça fundamental para explicar as raízes estruturais do subdesenvolvimento (PEREIRA, 2005, p.3).

Nesse sentido, nas palavras de Furtado (1961), sua teoria do desenvolvimento partia de dois planos principais:

A teoria do desenvolvimento econômico trata de explicar, numa perspectiva macroeconômica, as causas e o mecanismo do aumento persistente da produtividade do fator trabalho e suas repercussões na organização da produção e na forma como se distribui e se utiliza o produto social. Essa tarefa explicativa projeta-se em dois planos. O primeiro – no qual predominam as formulações abstratas- compreende a análise do mecanismo propriamente dito do processo de crescimento [...]. O segundo- que é o plano histórico- abrange o estudo crítico, em confronto com uma realidade dada, das categorias básicas definidas pela análise abstrata (FURTADO, 1961, p.19 *apud* BORJA, 2013, p.156).

A respeito da análise furtadiana sobre o desenvolvimento da América Latina, procurou-se debruçar nos divergentes aspectos que apontaram e originaram a industrialização a partir da Revolução industrial europeia, assim também, aquelas decorrentes do processo de substituição de importações característica dos países latino-americanos.

Para Furtado, importa dizer, o subdesenvolvimento que marca a história dos países da América Latina, não deve ser compreendido enquanto uma fase ou etapa a ser transportada, a qual, no fim do túnel, está a luz do desenvolvimento. De acordo com esse autor, o subdesenvolvimento deve ser compreendido enquanto uma estrutura historicamente determinada que tem por base a evolução do capitalismo europeu, local

de onde, a partir da Revolução Industrial, se espalhou para as outras partes. Entretanto, deve-se dizer que, para Furtado, dentro do sistema capitalista é possível de serem encontradas possibilidades de superação da dependência que marca a história dos países subdesenvolvidos diferentemente. Como apontado por Furtado (2013):

O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento. Para captar a essência do problema das atuais economias subdesenvolvidas necessário se torna levar em conta essa peculiaridade (FURTADO, 1961, p. 181).

Em complemento, Furtado (1961) aponta importantes elementos do conceito de subdesenvolvimento e também a partir do qual estabelece importantes diferenciações quanto ao crescimento econômico verificado na periferia e no centro do sistema. Não é justo, e nem se pode comparar economias deixando de lado o conceito histórico passado por elas, colocar na balança países já bem solidificados economicamente com países que tornaram democracias recentemente, o desenvolvimento tanto político, social e cultural são importantes áreas para entender a economia de cada região. Este teórico encontrou na não homogenização desse tema, a explicação para o subdesenvolvimento e uma possível saída para o mesmo, no qual o primeiro passo seria a percepção dessa relação.

Além disso, Furtado indicou que haveria três condições possíveis de serem encontradas no que diz respeito ao desenvolvimento econômico mundial, dentre as quais os países latinos se configurariam na terceira posição. Segundo o próprio autor:

A primeira marca a linha de desenvolvimento, dentro da própria Europa ocidental, no quadro das divisões políticas que haviam se cristalizado na etapa mercantilista anterior. [...] A segunda linha de desenvolvimento da economia industrial europeia consistiu num deslocamento para além de suas fronteiras, onde quer que houvesse terras ainda desocupadas e de características similares às da própria Europa. Fatores vários respondem por essa expansão [incluídos Austrália, Canadá e Estados Unidos]. [...] A terceira linha de expansão da economia industrial europeia foi em direção às regiões já ocupadas, algumas delas densamente povoadas, com seus sistemas econômicos seculares, de variados tipos, mas todos de natureza pré-capitalista. O contato das vigorosas economias capitalistas com essas regiões de antiga colonização não se fez de maneira uniforme. Em alguns casos, o interesse limitou-se à abertura de linhas de comércio. Em outros houve, desde o início, o desejo de fomentar a produção de matérias-primas, cuja procura crescia nos centros industriais. O efeito do impacto da expansão capitalista sobre as estruturas arcaicas variou de região para região, ao sabor de circunstâncias locais, do tipo de penetração capitalista e da intensidade desta. Contudo, a resultante foi

quase sempre a criação de estruturas híbridas, uma parte das quais tendi a comportar-se como um sistema capitalista, a outra, a manter-se dentro da estrutura preexistente. Esse tipo de economia dualista constitui, especificamente, o fenômeno do subdesenvolvimento contemporâneo (FURTADO, 2013, p. 135).

Deste modo, para esse autor, após a formação do núcleo industrial na Europa, e a partir, sobretudo, da Revolução Industrial na Inglaterra, o desenvolvimento econômico das outras partes do mundo teria sido condicionado. Nesse sentido, os produtos e impulsos do desenvolvimento desse núcleo se espalharam de diferentes formas e/ou modos e produziram resultados distintos. Assim, como apontado no primeiro caso estão os países europeus que, junto com a Inglaterra, estiveram próximos e organizaram o processo de formação da economia industrial, superando a base artesanal da produção pré-capitalista (FURTADO, 1961).

Nesse sentido estabeleceu-se a segunda linha de desenvolvimento, a qual foi marcada pelo direcionamento das características da economia industrial estabelecida na Europa para outros lugares do planeta, buscando, neste caso, reproduzir o modelo desenvolvido na Europa. A terceira linha estabelecida por Furtado (1961) está relacionada à expansão da economia industrial européia nas colônias, dentre elas as da América Latina, as quais, apesar de já terem estruturas pré-capitalistas não se configuravam como sistemas econômicos, eram marcadas por condições não-capitalistas, característica essa que marca a existência da estrutura dualista apontada por Furtado. Nesses países, a inserção do modelo capitalista industrial europeu, advindo do núcleo, não foi propagada do mesmo jeito que naqueles países, pois pouco teriam sido as alterações estruturais nas economias subdesenvolvidas desses países.

Dito isso, Furtado (1961) destacou que a principal característica das economias dos países subdesenvolvidos é a marca de uma deformação estrutural, a qual marcada pelo dualismo atraso-moderno, gera desequilíbrios sociais, políticos e também econômicos. Essa condição, entretanto, pode ser superada, depende de dois fatores principais: industrialização e fortalecimento do mercado interno dos países subdesenvolvidos.

Dessa maneira é possível entender o subdesenvolvimento como uma região em que existe um alto número de mão de obra aliado a um baixo estímulo externo, logo a fatia aumentada na produção interna é transferida ao mercado externo por um baixo valor. Perdendo o equilíbrio necessário para organizar internamente a região periférica,

ocasionando a baixa de salários e uma maior produção, concentrando os lucros nos países desenvolvidos e excluindo a possibilidade de uma criação de mercado interno suficiente para estimular a demanda da população e proporcionar o surgimento de novos segmentos produtivos, diversificando a produção econômica do país.

Além disso, importa salientar que, para Furtado (1961) a industrialização seria o elemento primordial para o desenvolvimento das economias subdesenvolvidas. Entretanto, o autor brasileiro critica a ideia de que o desenvolvimento poderia acontecer de fora para dentro, sobretudo, por meio do processo de substituição de importações, que ocorre a partir da demanda por manufaturas dos países desenvolvidos. Segundo ele, a substituição de importações não garante que o setor industrial dos países subdesenvolvidos passe a ser o setor dinâmico principal da economia, visto que, o processo está ligado a necessidade de manufaturas e portanto, por indução externa.

Para Furtado a industrialização é o elemento principal do desenvolvimento das economias subdesenvolvidas, como pensar esse processo para além do processo de substituição de importações? Para o autor, o problema estrutural que influi sobre a relação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e que está relacionado também, entre outros fatores, ao desequilíbrio externo e a inflação desses países, só poderia ser superado através da organização e planejamento estatal do desenvolvimento. Isto quer dizer que, para Furtado o Estado deveria ser responsável por orientar e programar o projeto de industrialização interna, orientar os investimentos e tornar esse processo possível e necessário o desenvolvimento desse mercado, superando assim, dessa forma, uma economia desenvolvida.

1.3 Alexander Gersckenckron e a sua Tese do Atraso Relativo

Alexander Gersckenckron, teórico nascido na antiga URSS no começo do século XX e posteriormente naturalizado americano, foi um pensador muito importante por tratar do processo de modernização da economia da Rússia no século XX, além do da Alemanha e de grande parte da Europa, através de uma tese que colidia com as da teoria econômica hegemônica.

Gersckenckron criou o conceito de atraso relativo para explicar as debilidades da Rússia e das demais regiões ali situadas. O seu ponto de vista é a de que a revolução industrial, que ocorreu na Inglaterra era totalmente distinta das que aconteciam em

outras regiões. Este teórico buscou analisar e comparar os caminhos percorridos pelos países mais desenvolvidos, tratando de forma comparativa os subdesenvolvidos. O teórico concluiu através de seu trabalho, nesses países (capitalismo tardio) eram destacados da seguinte maneira:

Primeiro, a maior probabilidade de que o processo se desse na forma de um salto, ou seja, de uma descontinuidade histórica; Segundo, a ênfase no tamanho das plantas e das empresas e, com isso, a tendência a acordos monopolísticos de diferentes intensidades; Terceiro, a maior importância outorga à produção de bens intermediários e de capital sobre a de bens de consumo; Quarto, a tendência de que este processo se desse de forma organizada, seja por agentes privados (os bancos de investimento) ou pelo Estado, e o papel dominante deste último quando os países se encontravam em uma situação inicial de muito atraso (GERSCKENCKRON, 1962, PP. 44, 353-4). Publicação da edição em português **2015**.

Fatores como a falta de importância no setor agrícola e a mão de obra especializada para os demais serviços, não entravam em cena como principais debilidades, visto que, o desenvolvimento fosse suprido pela importação com a chegada de tecnologias produzidas em outros países. Dessa maneira a análise de Gersckenckron (2015) buscou-se compreender como o país que em atraso econômico nestes dois setores, em uma rápida ascensão no final do século XIX, conseguiu efetuar a decolagem da sua economia e se aproximar de países desenvolvidos, como o caso dos Estados Unidos.

Apesar de a industrialização tardia, Alexander Gersckenckron tratava o atraso econômico como relativo, como dito em 1962 em seu artigo *O atraso econômico em perspectiva histórica*. A idéia do autor é de que a queima de etapas em países em atraso econômico poderia ser acelerada pelo papel indutor de investimentos do Estado desenvolvimentista em indústrias.

Assim como Furtado e Prebisch forneceram importantes e avançados estudos sobre a região latino-americana, Alexander Gerschenkron foi o grande teórico sobre o subdesenvolvimento russo, país no qual abordamos neste trabalho como principal importador de carne bovina in natura brasileiro.

O impacto do capitalismo moderno no Brasil e Rússia no século XX foi peça fundamental na análise teórica de Prebisch, Furtado e Gerschenkron. O teórico Gerschenkron(2015) criticou a ideia de desenvolvimento “pré definido” para os países periféricos seguirem.

1.4 Considerações Parciais

Em resumo, tanto Prebisch quanto Furtado foram importantes autores latino-americanos que auxiliam a pensar a questão proposta por este trabalho, assim como Gersckenckron analisando a Rússia e países do leste europeu. Ambos pensaram as relações entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, o primeiro a partir da ideia do sistema centro-periferia e o segundo com a concepção de subdesenvolvimento e o terceiro com o atraso relativo, a partir da qual eles registraram a situação subordinada a que a América Latina era e é submetida dentro do sistema capitalista mundial.

Além disso, suas contribuições teóricas permitem analisar as exportações de carne bovina *in natura* brasileira para a Rússia, que partindo das contribuições de Furtado. O Brasil estaria posicionado como país subdesenvolvido, no qual a partir deste entendimento mantém relações dependentes com potências superiormente desenvolvidas, necessitando comercializar suas *commodities* e outros produtos pouco industrializados e importar tecnologias que são carentes em território brasileiro e que também estão relacionados à especialização produtiva de países no capitalismo moderno.

Mais do que isso, o notável avanço das relações entre esses países e a condição periférica a que o Brasil está submetido, permitem problematizar a questão da industrialização e modo em que esse processo vem ocorrendo no país e, especificamente, em sua relação comercial com a Rússia. No capítulo dois interrogou, a partir deste repertório teórico, a trajetória que o Brasil e Rússia optaram para a sua inserção no comércio internacional.

CAPÍTULO 2 – AS CONSEQUENCIAS DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS NAS ECONOMIAS BRASILEIRA E RUSSA

2.1 Consenso de Washington e neoliberalismo na América Latina

No Brasil, o decênio de 1980 foi caracterizado como um período de economia muito instável e de alta inflação, decorrente do curso evolutivo que o país traçava em suas últimas décadas, em contrapartida, sob a visão política, teve um expressivo ganho com o final da ditadura (1964-1985), estava em curso a redemocratização do Brasil.

Tal decênio, conhecido pela crise da dívida, em termos econômicos representou o esgotamento do modelo de desenvolvimento até então vigente, do desenvolvimentismo, iniciado no governo Vargas, em 1930. Tal modelo teve suas bases na década de 30, com Getúlio momento em que Celso Furtado apontou o deslocamento da econômica brasileiro pautada na produção do café, para a formação de uma indústria baseada na demanda interna.

Nos anos 50, com Juscelino Kubitschek, o Brasil intensificou o processo de industrialização, modelo desenvolvimentista, com grande participação do capital externo e consolidou setor de transformação brasileiro baseado pela política de substituição de importações. Aproveitando essa base industrial, o governo militar, a partir de 1964, intensificou os investimentos para as indústrias e logística, fazendo com que a participação dos produtos manufaturados brasileiro nas exportações passasse de 7,2% em 1965 para 28,9% em 1974. Consolida-se, nesse período, o milagre econômico brasileiro, baseado em altas taxas de crescimento baseado numa política externa universalista, diversificação de parceiros comerciais e mudanças na política econômica, direcionando os investimentos em bens de consumo duráveis e construção civil (VELOSO; VILLELA, 2008).

O motivo da crise aguda nos anos subsequentes, foi que todo esse crescimento foi baseado sumariamente no capital estrangeiro, possibilitado pela liquidez internacional, no primeiro momento pelo mercado de “eurodólares” com a queda do sistema de Bretton Woods e, posteriormente, com o mercado de petrodólares. Em 1973, a primeira crise do petróleo fez com que as principais economias que financiavam o desenvolvimento brasileiro adotassem medidas restritivas. O Brasil, por ser uma ditadura na qual a manutenção do poder só era possível pela existência de altas taxas de crescimento, buscou financiamento dos petrodólares, o que deteriorou ainda mais a

balança de pagamentos brasileira. A crise da dívida e a subsequente hiperinflação brasileira que permeou nossa econômica durante mais de uma década foi fundada com a segunda crise do petróleo, em 1979 e a resposta americana com a adoção da “Política do Dólar Forte”, tal política aumentou a taxa de juros americana atraindo toda a liquidez internacional, que financiava a crise brasileira, para o território americano. Como apontado, com o estouro da dívida e a contração econômica a ditadura militar foi deposta alguns anos depois, em 1985 (GASPAR, 2015).

A partir dos anos de 1989-90 a reestruturação produtiva foi generalizada aos países latinos americanos. A crise decorrente do reflexo dos anos 1980 refletiu em demasiado endividamento e queda de investimentos por parte dos EUA, trazendo para a década de 1990 uma “falsa” saída (CANO, 1999).

O Consenso de Washington surge como um conjunto de medidas para que tais países da periferia, que se encontravam numa crise aprofundada, conseguissem mudar seu panorama econômico. Tais medidas são sintetizadas por Wilson Cano da seguinte forma:

Concluir as renegociações de dívidas, para equacionar melhor a situação dos credores e nos possibilitar um novo período de reendividamento; debelar a crônica inflação, para dar melhor estabilidade e menor risco ao capital estrangeiro; introduzir as reformas liberalizantes, principalmente abrir os mercados de bens, serviços e capitais e flexibilizar as relações trabalho/capital.(CANO, 1999, p.300).

As políticas neoliberais aprofundaram a crise que começou nos anos 1980 por esses países, como política de contenção salarial, juros elevados, ajuste fiscal para eliminação do déficit, entre outros. A grande diferença da política neoliberal, foi que os países da América Latina passaram a adotar os postulados da economia dos Estados Unidos.

Junto a essa política, as importações e exportações ganhavam mais espaço no cenário interno e externo, visto que as barreiras tarifárias e administrativas tratavam de dar mais oportunidade a abertura de mercado. Assim sendo, os países procuraram através dos produtos exportáveis, conter a crise interna.

Essa mesma política neoliberal adotada por esses países, prometia uma ilusão, a estabilidade econômica, o crescimento e do privado, alinhando-se as políticas corretas de abertura de mercado. Tais medidas, entretanto, são colocadas como uma forma dos países desenvolvidos “chutarem a escada”, ou seja, estavam propondo medidas para o desenvolvimento e recuperação de tais países mesmo sabendo que não foi o caminho

que adotaram para chegar no estágio que se encontram, sendo esse caminho pautada numa política industrial forte com um Estado interventor (CHANG, 2004).

A falta de um projeto bem fundamentado e organizado nos mais diversos setores do país, como no comércio, saúde, educação, política externa, entre outros, forçava o país a adotar medidas apressadas e muitas vezes errôneas, como no caso dessa abertura de mercado, em que adquiriu um capital razoável em meio às crises, porém o manteve bastante concentrado em poucos setores, principalmente nos primários, uma vez que as indústrias eram pouco ou nada competitivas com o mercado internacional, tornando-se ainda cada vez mais dependente deste capital e de importações. Além disso, ocorreu nessa época um grande número de privatizações das empresas brasileiras como forma de diminuir o rombo nas contas públicas. Conforme Cano (1999) afirma que “a inevitabilidade dessa globalização constituiu assim um (falso) lastro político com que muitos governos e elites periféricas aceitaram as novas regras do jogo” (pág. 299).

É nítido a inserção brasileira mais ampla no cenário internacional nos períodos 1980-2005 quando comparada as décadas passadas, o caminho em que elas seguiram, segundo João Stédile (2012) foi bastante superior ao período ditatorial, rumo a uma economia liberal em que trouxe de volta um crescimento ao país (apesar de limitado), em que grande parte da economia ficava concentrada e os demais setores, como de educação e saúde, sofriam com a falta de investimento, crescendo de forma limitada e sem um projeto totalmente fundamentado.

A partir de 1992, com o Governo Collor, as políticas protecionistas e de defesa das indústrias nacionais foram rompidas e, no lugar deles, colocadas medidas de cunho liberal em consonância com o Consenso do Washington. Por conta disso, o projeto industrial brasileiro que vinha sendo colocado em prática, em maior ou menor medida, desde o governo Vargas, foi abandonado pela incapacidade das indústrias brasileiras de competirem com a estrangeiras. No plano macroeconômico, as políticas econômicas adotadas nessa década tinham o objetivo comum de acabar com a inflação herdadas da crise da dívida em 1985. Apesar das tentativas de Collor e Sarney, tal problema só foi sanado com Fernando Henrique Cardoso, com o plano Real, e somente a partir da estabilização monetária, que se foi possível pensar numa modificação da inserção internacional brasileira, que estava se pautando sumariamente em produtos primários.

2.2. A economia brasileira e sua inserção no comércio internacional

No que se refere à economia brasileira, deve-se mencionar que o Brasil é um país de industrialização tardia (BORGES E CHADAREVIAN, 2010, p. 69), isto é, se refere à dificuldade que o país teve de se libertar da situação de colônia e, posteriormente, o predomínio da monocultura produtiva, como as vastas plantações de café e cana-de-açúcar, posicionou o Brasil no comércio internacional como especializado em produtos primários-exportadores.

As políticas neoliberais ganharam forças nos anos 1990, após a crise do nacional desenvolvimentismo nos anos 1980, em a economia era regida pelo Estado. Este acontecimento se deu após o aumento deliberado da inflação e a perda do poder de compra do país se caracterizando em uma “desindustrialização”, período em que o Brasil desacelerou economicamente (NASSIF, 2008).

Ainda no final do século XX, no Brasil, no governo de Fernando Collor de Melo (1990-1992) deu início a essa nova era de inserção no cenário internacional, reduziu as tarifas de importação. Nos governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) a prioridade foi a estabilidade fiscal e as reformas no Estado, ao mesmo tempo as políticas neoliberais apoiadas pelo Fundo Monetário Mundial (FMI) orientou o Brasil a efetuar a abertura do mercado interno, privatização de empresas estatais ineficientes. Nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) houve a retomada da economia pelos programas de crescimento econômico e inclusão social tuteladas pelo Estado (FILGUEIRAS, 2006).

É importante salientar também a maior aproximação do Brasil às ideias fundamentadas por Furtado e Prebisch, no que diz respeito ao “desenvolvimento”, a relação político social ganhou força para atingir novos espaços.

A partir do início do século XXI, o “novo desenvolvimento”, foi um dos principais enfoques ideológicos do governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003 – 2010) que tomou como prioridade o reposicionamento do Estado, amparado pelo planejamento, para o desenvolvimento do Brasil. Alguns exemplos foram os programas formulados: Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), Programa Bolsa Família (PBF), ampliação do salário mínimo, concessão do Benefício da Prestação Continuada (BPC), Territórios da Cidadania, Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR).

Através da política exercida pelo governo federal nesse período foi possível acompanhar o aquecimento da economia interna, bem como da aceleração do comércio

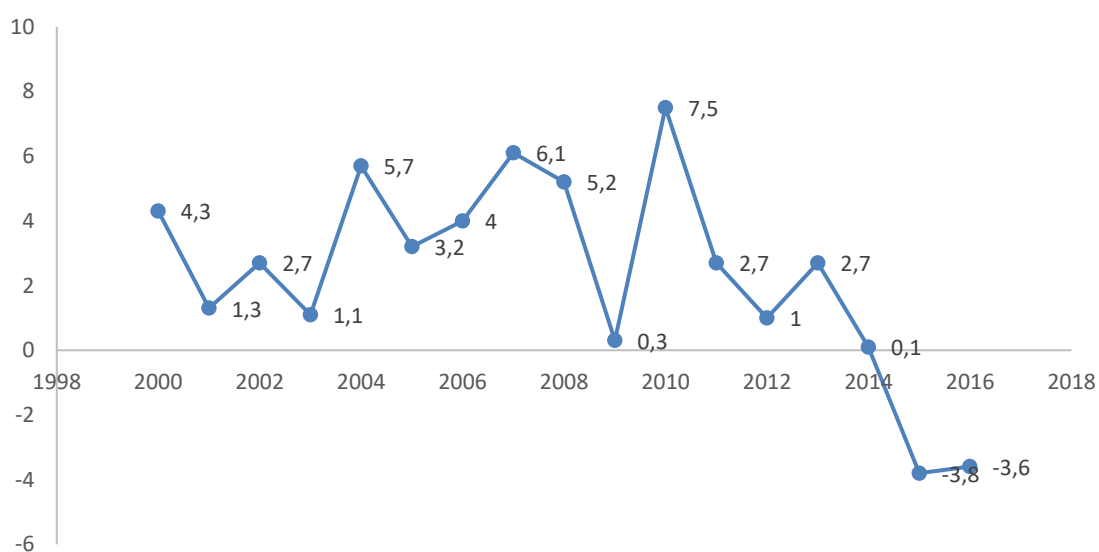
exterior do Brasil via relações bilaterais com China, Rússia, países do cone Sul que fomentaram uma via diferente do comércio internacional, da praticada pelo governo FHC, que estava direcionada para os países centrais, como Estados Unidos, Europa.

Através destes novos planos governamentais e ajustes selecionados nas mais amplas áreas do país, como econômico e social, o governo de Luis Inácio Lula da Silva logrou um alto desenvolvimento a partir de seu primeiro mandato no início da década XXI, é claro que sem desmerecer todos os méritos conseguidos até o presente momento dos outros ex. presidentes.

A seguir, complementam a primeira parte do segundo capítulo a apresentação de dados estatísticos sobre a economia brasileira .

Dessa forma, a partir da análise do gráfico 1 é possível averiguar o crescimento da economia brasileira, manteve-se alternando-se entre a curva ascendente e a declinante, na primeira metade dos anos 2000, porém, na segunda metade desta década, houve a retomada da curva ascendente, com a sua queda nos anos 2010, demonstrou o arrefecimento das demandas de *commodities* brasileiras pelos seus principais parceiros comerciais. No início dos anos 2010, apesar, da expansão da economia similiar à taxas chinesas de crescimento, a 7,5% em 2011, houve declive da curva à taxas negativas em 2015 e 2016.

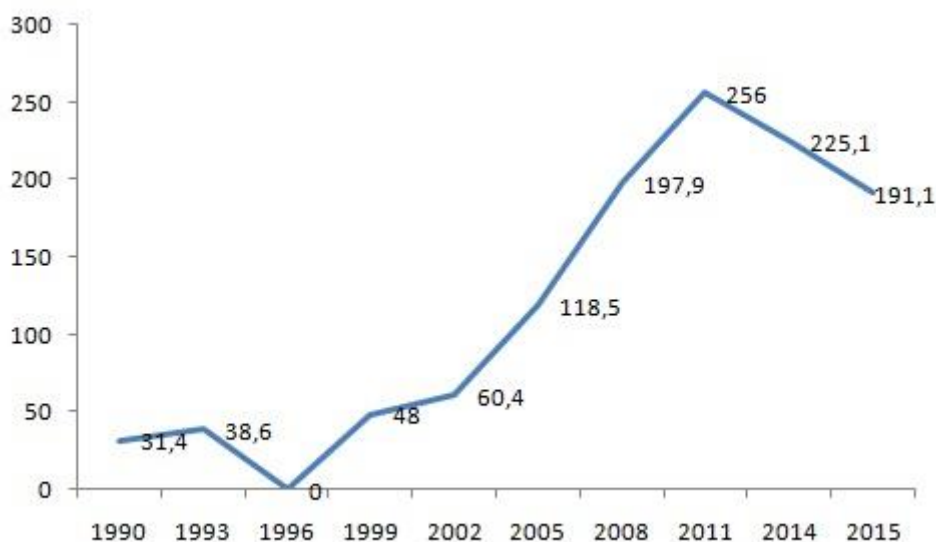
Gráfico 1 – Variação do PIB Brasileiro 2000-2016 (%)



Fonte: IPEA DATA. Disponível em: www.ipeadata.gov.br

É possível observar a participação brasileira no comércio externo e como ele vem obtendo um papel importante. Com uma baixa permanência neste cenário ao final do século XX, a partir dos anos 2000 foi instaurado, em conjunto com o governo Lula. Foi perceptível a ascensão do crescimento da taxa de participação do Brasil no comércio internacional, porém, a partir de 2011, houve uma queda em sua participação.

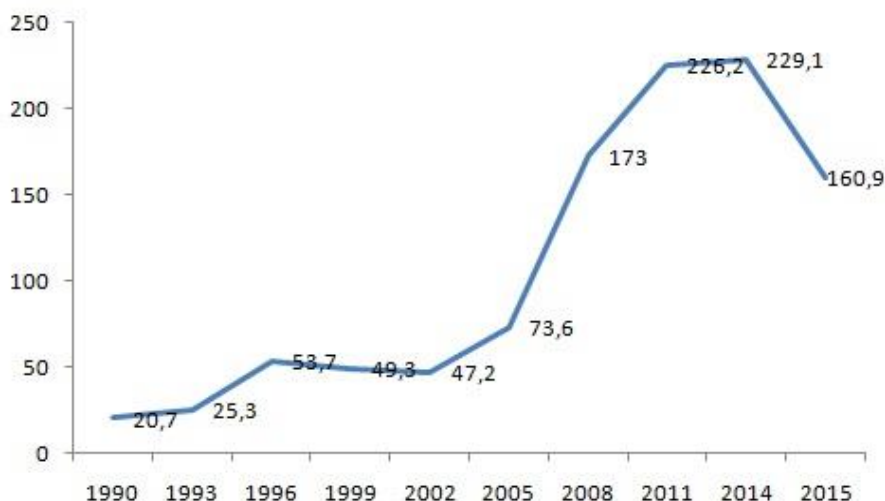
Gráfico 2 – Taxa de % de participação do Brasil no Comércio Internacional 1990 - 2015



Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR
Disponível em: www.mdic.gov.br/Taxa-%-brasileira-comercio-internacional

Logo, através desta participação mais ativa do comércio exterior brasileiro, nos deparamos em como essa ação comercial influenciou o comércio externo em relação ao PIB do Brasil, com ênfase nos anos de 2002 em diante, conforme mostrado no gráfico 3.

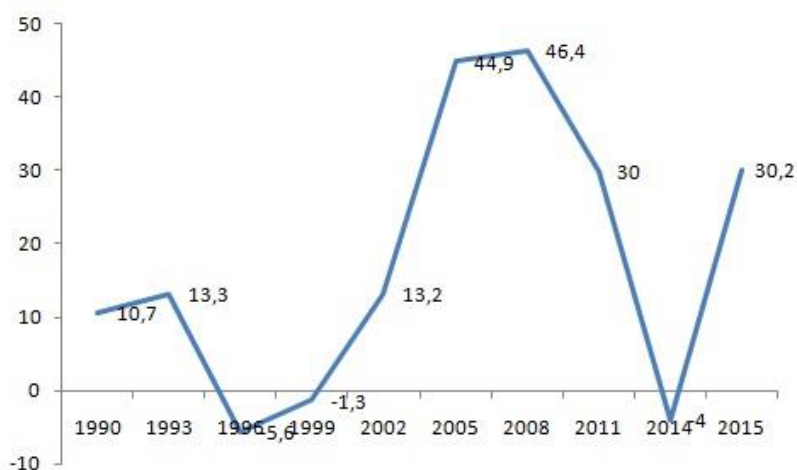
Gráfico 3 - Participação em % do Comércio Externo no PIB do Brasil 1990 - 2015



Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR
Disponível em: www.mdic.gov.br/participação-%-comercio-pib.

O saldo da balança de pagamento do Brasil teve elevação durante o período de 2003 a 2010, quando comparado a década de 1990. Em 2010 em diante o saldo positivo da balança de pagamentos do Brasil despencou devido às crises nacionais, internacionais e também a volatilidade do câmbio de governo (com altos e baixos).

Gráfico 4 - Saldo comercial da balança de pagamentos do Brasil 1990 - 2015

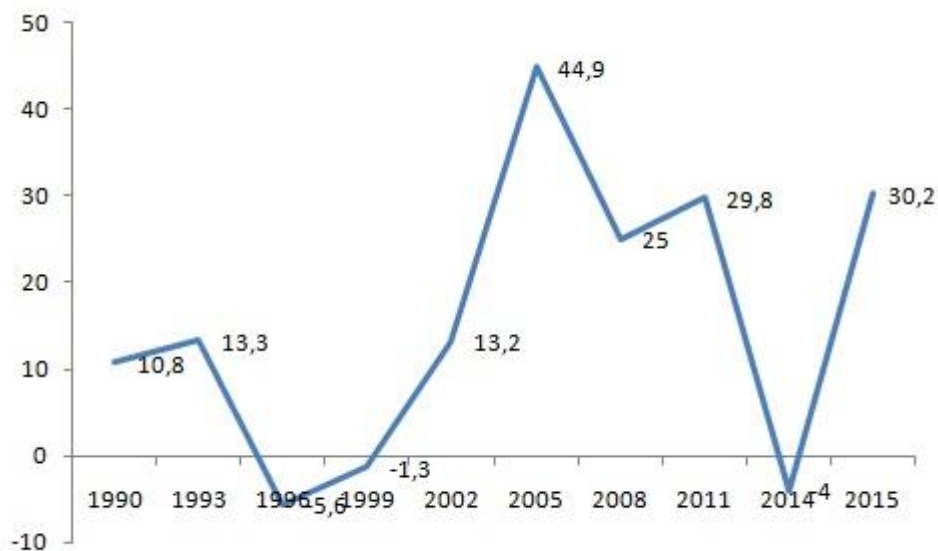


Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR
Disponível em: www.mdic.gov.br/brasil-balanca-comercial.

O comércio exterior brasileiro teve uma inserção internacional garantida pela alta demanda de *commodities* nos anos 2000, conforme evidencia-se no gráfico 5, porém, a década de 2010 apresentou-se desfavorável até o ano de 2014, retomando a

ascendente somente em 2015. O que justifica a tese de Prebisch ao apontar que a especialização do comércio internacional de países periféricos em produtos primários é desvantajosa, principalmente em períodos de crises internacionais, como a de 2008.

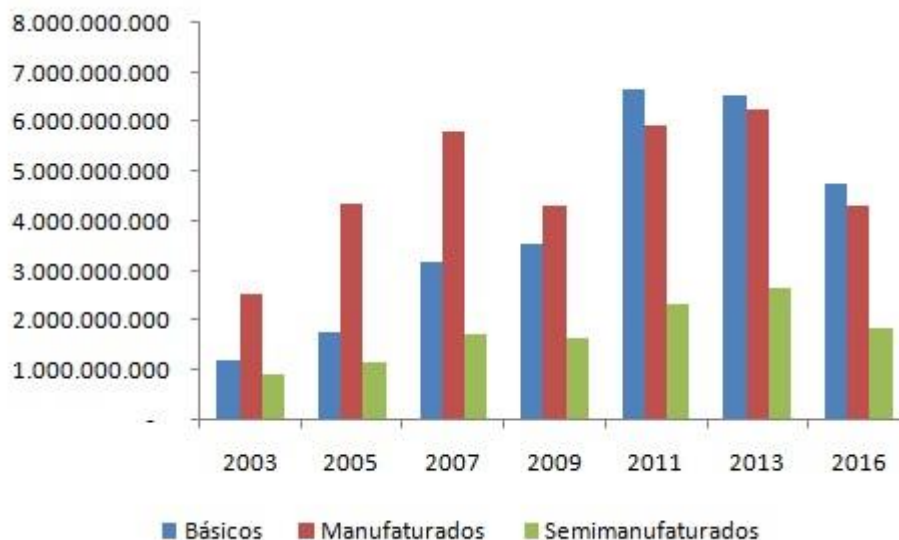
Gráfico 5 - Evolução do Comércio Exterior Brasileiro 1990 – 2015



Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR
Disponível em: www.mdic.gov.br/evolucao-comercio-exterior-brasileiro

Os produtos manufaturas apresentam-se na dianteira dos produtos exportados do Brasil, no período de 2003 a 2010, porém, na primeira metade dos anos 2010, é possível averiguar a expansão dos produtos primários, contrapondo à expansão de exportações do setor manufatura verificada nos anos anteriores.

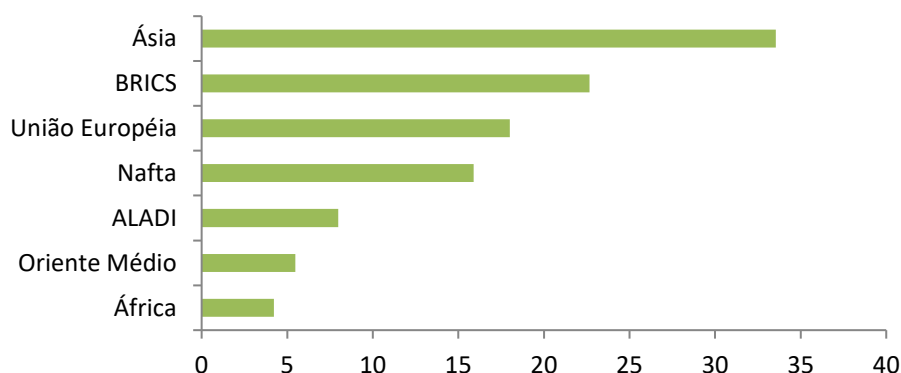
Gráfico 6 – Variação da Exportação por Fator Agregado no Brasil 2003 a 2016



Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR
Disponível em: www.mdic.gov.br/variação-exportação-valor-agregado.

No ano de 2016, conforme apresentado no gráfico 7, houve expansão das parcerias do Brasil com países do hemisfério Sul, o que do ponto de vista estratégico pode contrabalancear as relações comerciais do Brasil, na década de 1990, estava alinhada na relação periferia centro. Porém, conforme apresentado no capítulo 3, deve ser pautada com cautela estas relações, pois a pauta exportadora e importadora entre Brasil e Rússia aproximam para uma possível relação que o Brasil exerce de exportador essencialmente de commodities para Rússia.

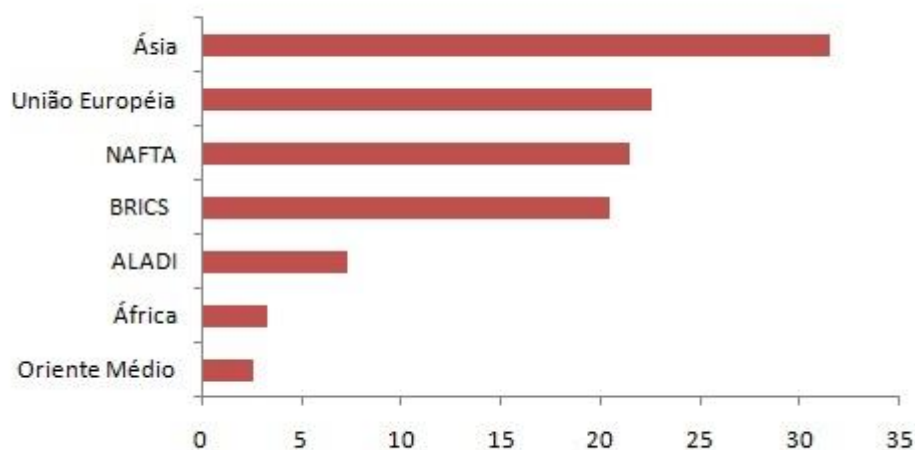
Gráfico 7 - Participação das Exportações dos Blocos Econômicos no Cenário Internacional (2016)



Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR
Disponível em: www.mdic.gov.br/participação-exportações-blocos-economicos2016

Apesar das relações comerciais no comércio internacional do Brasil ter se expandido para países do hemisfério sul, há permanência de países que compõe a União Européia como exportadores de produtos ao Brasil, o que pode se compreender, que há permanência de importação de produtos de tecnologia superior as produzidas no Brasil. Neste sentido, legitima as posições de centro e periferia dentro das relações comerciais atuais do Brasil.

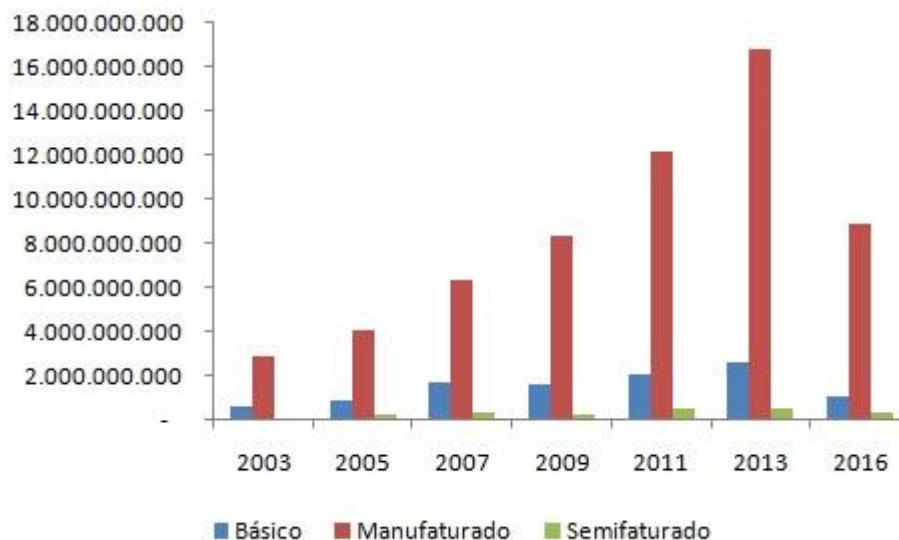
Gráfico 8 - Principais Mercados Fornecedores ao Brasil(2016)



Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR
Disponível em: www.mdic.gov.br/principais-mercados-brasil2016.

Complemento a apresentação da inserção do Brasil no comércio internacional pelo gráfico 10, que apresentou a porcentagem de importação do Brasil por categoria de uso. Nele, pode ser averiguado que a pauta de importação está concentrada em produtos manufaturados. O viés crítico de Furtado novamente colabora para compreender que o déficit ou industrialização insuficiente para o Brasil sair da condição de país periférico fica claro nestes dados apresentados. Vejam que somente em 2016, houve recuo da importação de manufaturados, sem mudar a tendência de importação do Brasil.

Gráfico 9 - Participação em % da Pauta Importadora por Categoria de Uso do Brasil 2003 a 2016



Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR
Disponível em: www.mdic.gov.br/participação-pauta-importadora-categoria.

Em síntese os gráficos buscaram exemplificar o desenvolvimento histórico e econômico do Brasil e como o comércio internacional legitima a posição de país periférico. A seguir apresenta-se a trajetória que a Rússia optou durante o processo de pareamento às políticas neoliberais, nos anos 1990.

2.3 Reformas e reestruturação da Rússia (1980-1990)

A priori é importante destacar a inserção da Rússia no início do século para que se possa entender as bases que possibilitaram seu desenvolvimento no decorrer dos anos 1990 em diante. Dessa forma, em comparação com seus vizinhos europeus a Rússia no início do século se encontrava numa situação de atraso, situação essa que a forçava a buscar um desenvolvimento econômico, estágio que foi obtido sumariamente a partir do final da segunda guerra.

O grande passo político e econômico dado pela Rússia (antiga URSS), no século XX, buscou se fundamentar na formação e modernização de uma economia que passava de tardia e pouco relevante frente a seus vizinhos e ao mundo, para uma nova potência articuladora do cenário mundial, que disputava a hegemonia com a maior economia capitalista do mundo, os Estados Unidos da América (CARMO, 2010). Tal passo teve como ponto de partida uma forte intervenção estatal com a construção de malhas ferroviárias e investimentos na indústria pesada.

Como colocado, esse alto índice de desenvolvimento russo, se deu devido a uma agressiva política de trocas de importações fortemente orientadas pelo Estado, um fechamento voltado para dentro do país, ou seja, a criação de um pólo industrial forte e “organizado” em seu próprio território no menor tempo possível (FERNANDES,1999,p.253).

Gerschenkron (1973) em seus estudos, *Atraso Econômico em perspectiva histórica*, foi além para caracterizar esse poder desenvolvimentista russo baseado em seu “atraso relativo”, o processo de industrialização para o desenvolvimento tardio russo era essencial, pois quanto mais atrasado o país fosse para iniciar o processo de desenvolvimento industrial, mais solidificado ele tenderia a desenvolver-se perante as outras economias, além de pular etapas que poderiam não vir a ser exitosas.

Neste período, outro fator fundamental ao crescimento russo foi a atuação do governo com suas políticas autoritárias. O Estado não foi só um forte interventor na economia, como já colocado, mas também impôs e guiou o desenvolvimento de acordo com seus interesses, processo conhecido na literatura como “monopolização precoce”. O estado detinha as principais funções de todos os órgãos para fortalecer essa arrancada econômica e industrial, que compactava um capitalismo relativamente desenvolvido junto a uma agricultura (CANO, 2000).

Um importante passo para o desenvolvimento russo foi a adoção das políticas de Lênin, que visava uma pequena abertura para o capitalismo, dentro da União Soviética pós-revolução, tal medida possibilitou a criação de empresas mistas e concessão e arrendamento das forças produtivas que criou uma base industrial mais ou menos consolidada, mas com capital inteiramente interno, diferentemente do Brasil que, como colocado, contou com capital em grande parte externo.

No ano de 1928, o governo russo iniciou o primeiro plano quinquenal, que foi uma estratégia de planejamento adotada pelo Estado russo. A industrialização pesada foi a maior beneficiada do projeto de desenvolvimento russo com outros setores da economia, e no balanço final deste primeiro plano o governorusso conseguiu obter um alto índice de melhorias no plano econômico (FERNANDES, 1999 p. 266).

A programação destes planos quinquenais era a cada cinco anos, em que o governo estabelecia metas e deveres para os cidadãos, empresas, entre analisado ao final de cada plano e eram refeitas as metas conforme estágio de desenvolvimento da URSS.

Com o decorrer dos outros planos, o governo russo legitimou como força econômica, bélica e industrial. Já no contexto da segunda Guerra Mundial, a União

Soviética demonstrou que possuía as bases para se tornar uma grande potência, fato que se consolidou com o fim dessa Guerra.

Nos anos 1950 orientou as suas estratégias para um desenvolvimento socioeconômico frente ao desenvolvimento capitalista ocidental, “momento de se reerguer”. A década de 1950, na União Soviética, foi o período de maior ascensão econômica da história (KNAHIH, 2002, p. 50- 66).

No referido período, os soviéticos conseguiram se consolidar como um gigante socialista capaz de contestar a economia norte-americana, concorrendo ativamente em todos setores, tecnológicos, bélicos, espaciais, etc.

Ainda nesse período, em que a economia da URSS crescia, seus investimentos do foram concentrados na indústria e desenvolvimento militar, o que limitou a expansão da produção agrícola na mesma proporção e provocou falta de alimentos e bens de consumos básicos para população. O modelo de crescimento soviético pautado na contestação da hegemonia americana começava a demonstrar sinais de falhas.

O setor agrícola russo caiu por conta da falta de investimento, aliado a mão de obra pouco qualificada e agravado pelas condições climáticas da região, a falta de interesse dos trabalhadores nos mais diversos setores técnicos, baixa a remuneração “nivelada”, a falta de estímulos paralisou a economia. Contudo, a indústria bélica permaneceu recebendo investimentos do Estado da URSS, como setor prioritário em detrimento do agrícola.

Em 1965, frente a esse declínio, o governo buscou uma nova inserção para o desenvolvimento, a Reforma Kosygin⁴, no qual era fundamentada em dar mais liberdade para as empresas, abriu oportunidades para que elas pudessem “quase” que totalmente dividir seus lucros, aumentar lentamente as relações com outras potências, apesar de profundas burocracias, trabalhadores receber incentivos para sua reinserção ao mercado de trabalho e reacender a economia soviética (SEGRILO, 2005).

Apesar da tentativa reformista, a economia continuou a declinar, e outros planos de reformas também tentaram ser introduzidos, porém sem grande sucesso. Luís Manoel Fernandes enfatiza que:

Dado o antagonismo entre os dois sistemas mundiais (socialismo e capitalismo) – e a desigualdade de forças entre eles – tal fracasso apontava, a médio ou longo prazo, para inviabilização do próprio mundo socialista. (FERNANDES, 1999, p. 16).

⁴ A. Kosygin, nome de um ex ministro no governo da URSS.

A antiga URSS se aproximava do fim do socialismo e o começo de uma era mais turbulenta, da transição para o capitalismo. O modelo de desenvolvimento russo não conseguia acompanhar as enormes inovações que a econômica capitalista americana proporcionava, e a meta de vencer a corrida armamentista, que outrora parecia tão próxima, se afastava cada vez mais, enquanto a deterioração dos diversos setores que ficaram sem investimentos para tentar vencer tal corrida, continuavam a se tornar cada vez mais precários.

No período em que se seguiu à dissolução da URSS, em 1991, a situação política e econômica era totalmente delicada, PIB caiu de 10% também a renda nacional durante esses primeiros nove anos, sua dívida tanto externa quanto interna se expandiu a valores extraordinários. Durante esse cenário o estado da Rússia tentou se reerguer, com uma política econômica voltada para conter um pouco da catástrofe pela qual a região se encontrava, buscando controlar um pouco a quantidade de perdas (STARODUBROVSKAIA, 2005).

Não se pode, porém, deixar de citar que as forças políticas por trás do desmonte da União Soviética, que contribuíram fortemente para tal acontecimento. Pode-se fazer, aqui, uma analogia com o que ocorreu com a Ditadura brasileira. Sendo ambos governos autoritários, sua legitimidade emanava do progresso técnico e econômico, com a perda da corrida armamentista, a liderança soviética passa a ser contestada pelos satélites que ela sustentava da mesma forma que os militares foram contestados com o estouro da dívida pública. Dessa forma, o fim da corrida armamentista foi uma força profunda para o desmonte da URSS.

Com a queda antiga URSS todo sistema institucional e econômico fragmentou e um novo sistema institucional foi necessário para dar continuidade ao processo de reestruturação.

O governo russo instaurou um sistema voltado para a macroeconomia mundial, democrático e com maior presença do povo (essa era a ideia teórica dos novos governantes). Nos primeiros passos, a Rússia conseguiu conter diversos fatores que se agravaram com os últimos anos, como a escassez de produtos, comércio externo facilitado com a conversão da moeda dentro do país, abertura do mercado, entre outros (STARODUBROVSKAIA, 2005).

O período, após o ano de 1991, foi considerado ainda mais complicado, pois inúmeros órgãos tiveram de ser reconstruídos, ideias, planejamentos, quase que

instantaneamente, a situação era precária, o índice de roubos aumentava e o medo tomava conta do país. Mesmo que começando aos poucos e ainda com o governo sem total apoio em decorrência de tudo ser muito novo, de maneira comparativa ao sistema passado, pareceu ser menos equivocada (STARODUBROVSKAIA, 2005, p. 197)

Durante os anos de 1989 e 1999 é possível analisar que o desemprego russo, ao final de 1999, atingia mais de 10 milhões pessoas, inflação entre 300/400% e o salário abaixo de 45% trazendo à toda população uma situação agravante de pobreza. Segundo Cano o mesmo seria imprevisível estabelecer alguma perspectiva sobre o prazo com que o Estado pudesse se reerguer e com isso equilibrar todo esse processo da transição (CANO, 2000, p. 6).

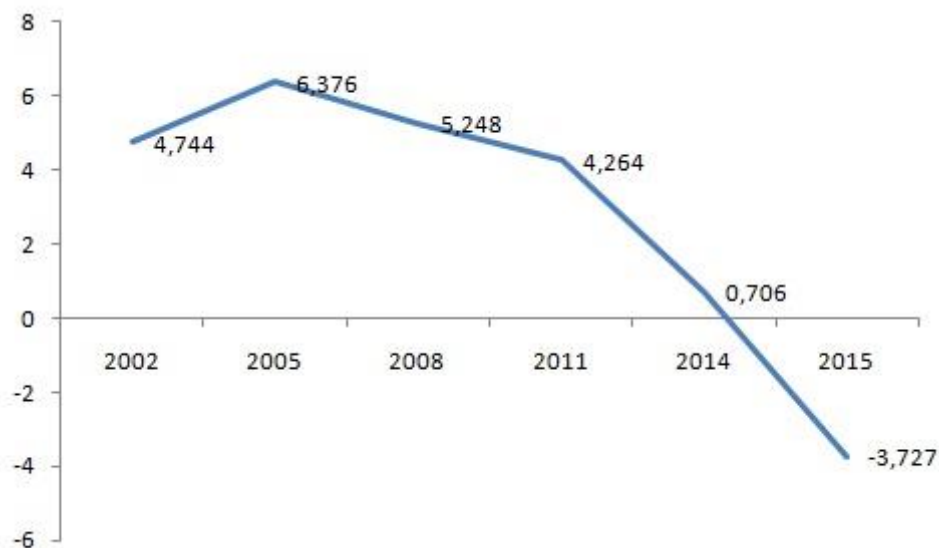
É aceitável que a maioria das reformas proporcionaram um melhor desenvolvimento como é possível acompanhar em relação aos dados da época. As ondas de instabilidades que constituíram o novo governo econômico russo repercutem até os dias de hoje, desde as dificuldades na transição até o relacionamento para com outras potências, que eram praticamente nulos até o final da URSS. Tais problemas são herdados de uma política de desenvolvimento ilusório da União Soviética, na qual se enfocou em setores para poder contestar a hegemonia americana, ao passo que deixava de lado setores básicos como saúde, educação e emprego.

2.3.2 Inserção da economia russa no comércio internacional (2000-2015)

A inserção econômica da Rússia muda vertiginosamente após o desmonte da União Soviética. Isso porque, após tal mudança política, como colocado, diversos problemas econômicos, políticos, sociais e estruturais vieram à tona. A partir do século XXI, a Rússia tenta uma nova política de reinserção pautada primeiramente em sua reestruturação e diversificação de parceiros. Dessa forma, com suas indústrias sucateadas, as pautas de exportação da Rússia têm como principais produtos os primários, como gás natural e petróleo. A seguir, serão colocados dados e tabelas para compreensão da trajetória de desenvolvimento da Rússia. Iniciamos com o PIB da Rússia ao longo dos anos 2000 a 2015.

No gráfico a seguir, referente ao PIB russo, é possível concluir que contração desse índice está diretamente relacionado ao enfoque das pautas de exportação nos produtos primários, característica de países que sofrem pela deterioração dos termos de troca.

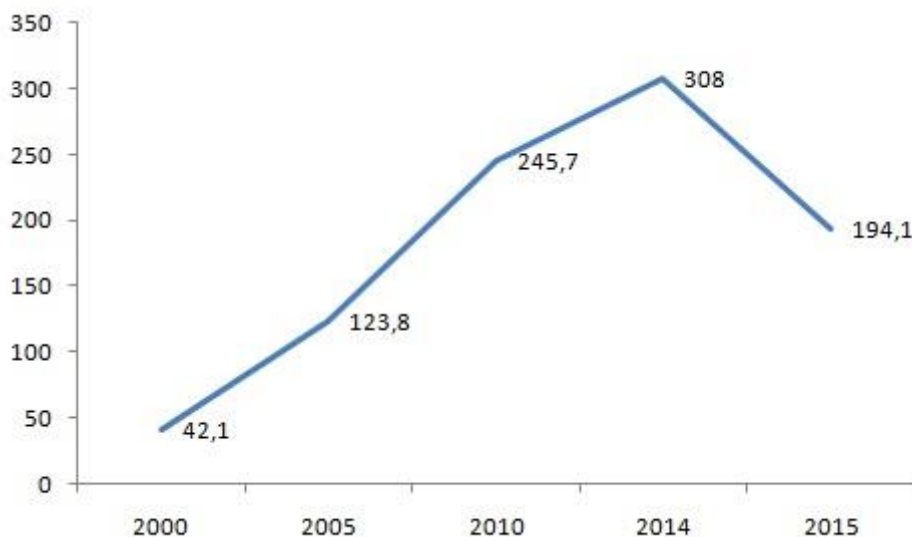
Gráfico 10- Evolução percentual do PIB da Rússia (2002-2015)



FONTE: World Bank - GDP growth (annual %). Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?end=2015&locations=RU&start=2000>.

A elevação do PIB russo se deu em questão as novas políticas que se inseriram ao final do século XX, proporcionando novas diretrizes para a economia e política, através desses novos governos, o país mesmo que a passos lentos começou a se desenvolver, como é possível analisar a partir do início da década de 2000, decaindo posteriormente frente a crise mundial que afetou a todos os países em 2008.

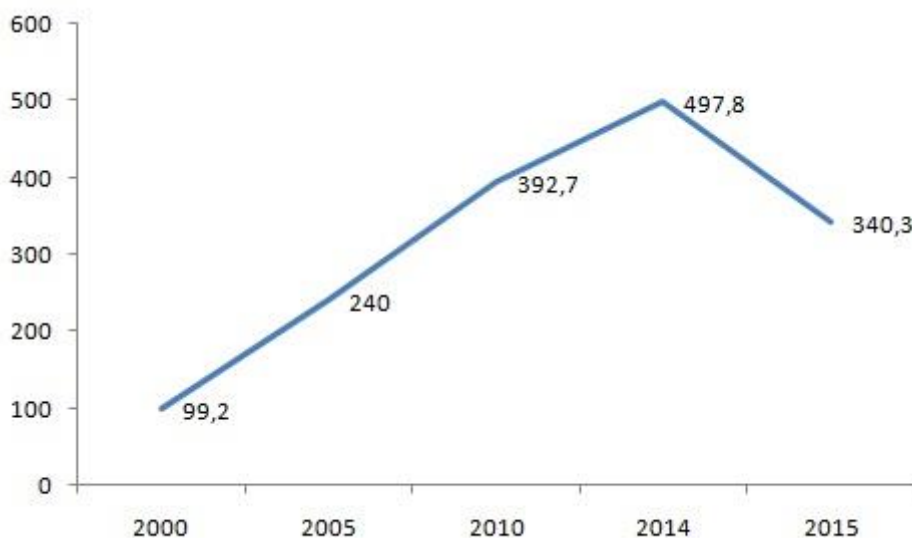
Gráfico 11- Pauta importadora russa em (Bil.) de dólares



FONTE: GSK, FEDERAL STATE STATISTICS SERVICE. Disponível em: http://www.gks.ru/wps/wcm/connect/rosstat_main/rosstat/en/figures/activities/.

Com essa nova política internacional inserida posterior ao fim da URSS (1991), o país russo, frente a idéias neoliberais abre seus mercados, onde consegue aumentar seu comércio importador em questão a produtos que faltavam no país, fosse em decorrência das passadas crises ou mesmo por falta de possibilidade de produção. Esse aumento perdurou por quase todo o período posterior a abertura de mercado, decaindo a um passado recente em meio a outros conflitos em regiões próximas, no qual a Rússia está bastante inserida.

Gráfico 12- Pauta exportadora russa em (bil.) de dólares



FONTE: GKS, FEDERAL STATE STATISTICS SERVICE. Disponível em: http://www.gks.ru/wps/wcm/connect/rosstat_main/rosstat/en/figures/activities/

Vê-se que a pauta exportadora russa cresceu mais nos anos analisados do que a pauta importadora, mas não se pode deixar em consideração a análise feita no início da seção de que os principais produtos exportados são sumariamente primários, que, apesar de possuírem uma enorme demanda internacional, possuem baixo valor agregado e contribuem pouco para o desenvolvimento do país no que tange ao parque industrial. Nesse ponto, a economia brasileira e russa possuem pontos bastante similares.

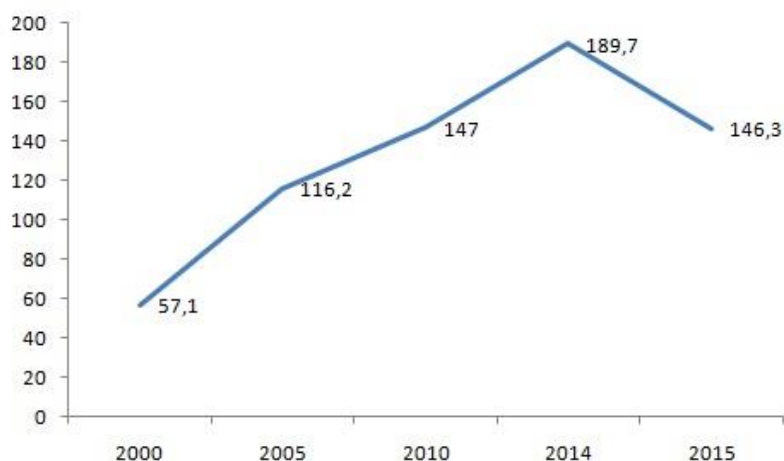
Tabela 1 – Os 5 Principais Produtos da Pauta Exportadora Russa (2014)

1º	Petróleo Bruto
----	----------------

2°	Produtos Derivados do Petróleo
3°	Metais
4°	Gás Natural
5°	Produtos Químicos

FONTE: Câmara Brasil-Rússia de Comércio, Indústria e Turismo.

Gráfico 13- Evolução do Comércio Exterior Russo



FONTE: FONTE: GKS, FEDERAL STATE STATISTICS SERVICE. Disponível em: http://www.gks.ru/wps/wcm/connect/rosstat_main/rosstat/en/figures/activities/.

Ademais, como colocado, a tabela a seguir demonstra os principais parceiros comerciais russos que mais influem na balança comercial do mesmo. Numa breve análise, vê-se que são países de proximidade geográfica, que facilita o comércio pela baixa demanda de logística.

Quadro 2 - Principais parceiros comerciais da Rússia 2000-2015

	Principais Parceiros de Exportação	Principais Parceiros de Importação
2000	Alemanha	Alemanha
	Belarus	Ucrânia
	Ucrânia	Belarus
	Itália	Italia
	Finlândia	Polônia
2005	Alemanha	Holanda
	Ucrânia	Alemanha
	Itália	Ucrânia
	Finlândia	Italia
	Belarus	Belarus
2015	Alemanha	Holanda

	Ucrânia	Alemanha
	Itália	Ucrânia
	Belarus	Italia
	França	Belarus
2015	Alemanha	Holanda
	Belarus	Alemanha
	Itália	Italia
	Ucrânia	Belarus
	Holanda	Polônia

FONTE: THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY.
http://atlas.media.mit.edu/pt/visualize/tree_map/hs92/export/rus/show/al

2.4. Considerações parciais

Como conclusão desse capítulo, feita as análises sobre o desenvolvimento russo e brasileiro, pode-se destacar alguns pontos de convergência entre ambos, guardadas as devidas proporções. Ambos foram países de desenvolvimento tardio e que, durante o século XX, foram marcados por governos autoritários com seus projetos de desenvolvimento adaptados para suas realidades e necessidades. Mesmo que tais projetos de desenvolvimento se diferenciem em grande medida, as más escolhas de políticas e direcionamento de recursos marcaram a inserção de ambos os países durante o final do século XX e XXI.

Como exposto, ambos os países tiveram projetos desenvolvimentistas, mas não em bases sólidas como uma política industrial forte, equilibrada e uma coesão entre todas as classes dos países nesse projeto de desenvolvimento, para a emancipação da condição de subdesenvolvimento.

Ambos os países no século XXI, tem suas pautas exportadoras compostas sumariamente por produtos primários, de baixo valor agregado, seus produtos de maior valor agregado, manufaturados, são poucos competitivos frente ao mercado internacional.

Portanto, para Brasil e Rússia, uma saída viável é a integração com países de economias semelhantes e uma abertura comercial gradual pautada em acordos entre esses mesmos países.

No próximo capítulo serão colocados os avanços que Brasil e Rússia tiveram nesse sentido, e quais são as perspectivas que tais acordos podem proporcionar para aprofundar a inserção internacional de ambos os países e, posteriormente, poderem se emancipar da condição de emergente.

CAPÍTULO 3: BALANÇOS E PERSPECTIVAS DO COMÉRCIO BILATERAL BRASIL – RÚSSIA (2003-2015)

3.1. O componente carne na pauta exportadora do Brasil nas relações comerciais com a Rússia

A produção de carnes em território brasileiro é decorrente de diversos fatores históricos, geográficos e principalmente econômicos. Durante toda a história do país, o animal bovino foi de extrema importância para o desenvolvimento nacional.

Apesar de todo crescimento e desenvolvimento da pecuária no Brasil, a partir do início colonial, através da chegada do animal, foi durante os anos de 1960 que o setor tomou grande importância internamente. A chegada de novas raças, tecnologias e estudos para aprimoramento das mesmas, programas instaurados pelo governo, como Programa Nacional da Pecuária (NETO, 1970), além, é claro, do surgimento da EMBRAPA na década de 70, produzindo grandes avanços nas áreas de pesquisas, não só para pecuária, mas também para todo campo (EMBRAPA, 2017).

Na década de 1990, o Brasil sentiu o forte potencial deste setor das carnes, através das políticas que vinham se moldando, os mercados que estimulavam ainda mais a produção demonstrando interesses e necessidades dos produtos, interligando vários pontos a carne bovina ganhara mais espaço dentro e fora do país (EUCLIDES, 1998).

Foi preciso sempre se adequar e buscar se desenvolver nos mais diversos sentidos (como pesquisas, trabalhos dentro e fora das fazendas, além dos cuidados para com o produto desde o início até a fase final), para alcançar novos mercados, garantir suas características e buscar se sobressair frente as concorrências. Em torno desse pensamento o agronegócio vem conseguindo evoluir como espelho para outras economias.

Através do mercado da carne bovina, em especial as carnes *in natura* como objeto de estudo, o Brasil e Rússia tem mantido uma forte relação econômica, positiva para ambos os lados (ITAMARATY, 2017). Fatores como desenvolvimento nas áreas produtivas e pesquisas, abrangem as possibilidades do setor dentro e fora do país, além do comércio de outros produtos ocasionados pela abertura positiva deste mercado.

A evolução e o planejamento do setor em meio as oportunidades surgidas durante o começo do século XXI em diante elevaram o grau de importância no cenário econômico dos países.

A seguir, buscou sintetizar através das tabelas a relação em % do intercambio comercial entre esse dois países, além de aclarar os principais produtos inseridos neste comercio.

Tabela 2 - Intercâmbio comercial Brasil x Rússia

Ano/Mês	Exportação			Importação			Resultado	
	Us\$ fob (a)	Var.%	Part. %	Us\$ fob (b)	Var.%	Part. %	Saldo (a-b)	Coertura (a/b)
2003	73.203.222.075	21,12	100,00	48.325.566.630	2,29	100,00	24.877.655.445	1,51
2006	137.807.469.531	16,26	100,00	91.350.840.805	24,12	100,00	46.456.628.726	1,51
2009	152.994.742.805	-22,71	100,00	127.722.342.988	-26,17	100,00	25.272.399.817	1,20
2012	242.578.013.546	-5,26	100,00	223.183.476.643	-1,35	100,00	19.394.536.903	1,09
2015	191.134.324.584	-15,09	100,00	171.449.050.909	-25,18	100,00	19.685.273.675	1,11

FONTE: MDIC. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>.

Nos anos de 2000 por diante, através dos dados fornecidos pelo Ministério do Desenvolvimento, Industrias e Comercio foi possível analisar o crescimento dessa parceria, o aumento de produtos tanto exportados como importados pelo Brasil para a Rússia tiveram significativos aumentos. Dentre esses produtos encontra-se um maioria baseada em commodities.

Tabela 3 - Principais Mercadorias Exportadas para a Rússia 2005

Ranking	Principais mercadorias exportadas p/Rússia 2005	Valor (US\$)	Part. %
1	Açúcar de cana,em bruto	762.745.015	26,15
2	Carnes desossadas de bovino,congeladas	554.543.544	19,01
3	Outras carnes de suíno,congeladas	553.422.599	18,97
4	Carcaças e meias-carcaças de suíno,congeladas	213.850.903	7,33
5	Pedaços e miudezas,comest de galos/galinhas,congelados	172.419.358	5,91
6	Café solúvel,mesmodescafeinado	86.724.437	2,97
7	Carnes de galos/galinhas,n/cortadas em pedaços, congelados	86.622.027	2,97
8	Fumo n/manuf.total/parc.destal.flis.secas,etc.virginia	81.046.232	2,78
9	Tratores rodoviários p/semi-reboques	53.907.692	1,85
10	Carnes de peruas/perus,empedaços e miudezas,congeladas	26.584.277	0,91

FONTE: MDIC. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>.

O ano de 2005 pôde ser considerado bastante revolucionário, pois eram o resultado da nova política econômica inserida no país, os altos ganhos no cenário internacional e alta inserção do país frente a outras potências, quando colocados em questão a produtividade e qualidade dos produtos, foram característicos para determinar a importante participação brasileira no comércio internacional e principalmente nessa relação bilateral Brasil-Rússia.

Tabela 4 - Principais Mercadorias Exportadas para a Rússia 2016

Ranking	Principais mercadorias exportadas p/Rússia 2016	Valor (US\$)	Part. %
1	Outras carnes de suíno, congeladas	613.990.893	24,91
2	Carnes desossadas de bovino, congeladas	546.681.271	22,18
3	Outros açúcares de cana	326.556.771	13,25
4	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	231.534.581	9,40
5	Pedaços e miudezas,comest.de galos/galinhas,congelados	112.556.935	4,57
6	Fumo n/manuf.total/parc.destal.fl.s.secas,etc.virginia	104.372.636	4,24
7	Alumina calcinada	91.619.723	3,72
8	Café solúvel,mesmodescafeinado	67.485.226	2,74

FONTE: MDIC. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>.

Conforme a análise passada sobre os principais produtos selecionados nessa relação bilateral russo-brasileira, foi acompanhado um contínuo crescimento desses produtos primários, ou commodities. No qual o aumento foi nítido, e os fatores continuaram sendo parecidos, a política nessa proporção pouco foi alterada, e a busca por fortalecer essa relação bilateral entre esses países subdesenvolvidos sofreu apenas uma leve queda com a troca de governos em 2010.

Tabela 5 - Principais Produtos Importados pelo Brasil da Rússia 2005

Ranking	Principais produtos importados pelo Brasil da Rússia 2005	Valor (US\$)	Part. %
1	Outros cloretos de potássio	176.351.040	24,42
2	Uréia com teor de nitrogênio>45% em peso	141.816.946	19,64
3	Diidrogeno-ortofosfato de amônio,incl.mist.hidrogen.etc	100.164.117	13,87
4	Outs.adubos/fertiliz.miner.quim.c/nitrogênio e fósforo	75.761.210	10,49
5	Catodos de níquel não ligado,em forma bruta	36.704.975	5,08

6	NAFTAS PARA petroquímica	26.112.593	3,62
7	Hulha antracita, não aglomerada	24.676.122	3,42
8	Ferrotitanio e ferrossilício-titanio	14.850.751	2,06

FONTE: MDIC. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>.

Em relação a quantidade, os principais produtos importados pelo Brasil do país russo também são de cunho primário, em associação do país russo também ser um Estado subdesenvolvido e possuir uma rica reserva de produtos básicos, apesar de possuir um núcleo de tecnologias muito forte e avançado, no qual essas importações também foram significativas, mas não entraram como os mais exportados ao Brasil.

Tabela 6 - Principais Produtos Importados pelo Brasil da Rússia 2016

Ranking	Principais produtos importados pelo Brasil da Rússia 2016	Valor (US\$)	Part. %
1	Outros Cloretos De Potássio	435.386.169	19,60
2	Alumínio Não Ligado Em Forma Bruta	355.236.485	16,00
3	Diidrogeno-Ortofosfato De Amonio, Incl. Mist. Hidrogen. Etc	294.857.160	13,28
4	Nitrato De Amônio, Mesmo Em Solução Aquosa	248.438.931	11,19
5	Uréia Com Teor De Nitrogênio >45% Em Peso	145.549.049	6,55
6	Hulha Betuminosa, Não Aglomerada	92.477.277	4,16
7	Paládio Em Formas Brutas Ou Em Pó	66.827.055	3,01
8	Aubos Ou Fertilizantes C/Nitrogenio, Fosforo E Potassio	60.555.763	2,73

FONTE: MDIC. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>.

Assim como na relação exportadora brasileira para a Rússia os produtos mantiveram as mesmas bases, os produtos russos importados pelo Brasil também se mantiveram os mesmos, sintaticamente falando sobre os anos posteriores. Concluindo assim, que essa relação não se desenvolveu para o comércio de outros setores entre si, apenas aprofundou os já comercializados.

3.2. Perspectivas críticas em relação ao comércio Brasil e Rússia

A começar com a concepção do sistema centro-periferia, o raciocínio de subdesenvolvimento e a idéia de atraso relativo dos três autores formadores do capítulo um, Furtado, Prebisch e Gersckenckron, foi analisado o principal fator

desenvolvimentista das duas regiões específicas, América Latina e alguns países Europeus (mais específico, Brasil e Rússia).

As perspectivas e oportunidades encontradas nessas duas regiões foram decorrentes de passados turbulentos e só possíveis de serem explicados, pesquisando um país por vez, em relação às diferenças de desenvolvimento encontrados em cada qual e como esse processo é abraçado em determinado período.

São várias as similitudes encontradas na relação destes dois países, desde ao processo de desenvolvimento, ao período no qual ocorreram, além de, grandes semelhanças geográficas como por exemplo o tamanho de seus estados, e a importância que exercem em suas regiões.

As críticas estabelecidas pelos teóricos apresentam fortes motivos para a aproximação destes dois países (Brasil x Rússia), o atraso que pode ser “relativo” para alguns setores, e a transferência de desenvolvimento em algumas esferas dentro de cada atuação doméstica dos países, proporcionaram tanto o Brasil ser um grande produtor qualificado deste produto, como também influenciaram na decisão do país russo vir buscar o mesmo produto, colocando na balança as características de produtos e tecnologias que o Brasil não dispunha. Aproximando a uma relação centro x periferia, no qual o Estado brasileiro estaria situado como periferia, por ter como seu principal produto exportador uma *commoditie* (que no cenário mundial está subordinada a sofrer diferentes influências, além das já encontradas e vencidas dentro do território), a Rússia apesar de estar caracterizada também como um país subdesenvolvido, no decorrer de sua história já foi uma grande potência, e tem conseguido manter seu pólo tecnológico fortemente organizado, dessa maneira houve possibilidade no desenvolvimento não só exportador para um dos pólos, mas os dois conseguiram encontrar mercado nessa bipolaridade.

A valorização da carne bovina *in natura* se deu frente à qualidade produzida e comprovada, para Furtado o subdesenvolvimento latino americano desencadeou o aumento e maiores possibilidades de produções de *commodities* e produtos com “baixa industrialização”, desenvolvendo-se desequilibradamente os pólos produtores dentro do país, no caso o Brasil.

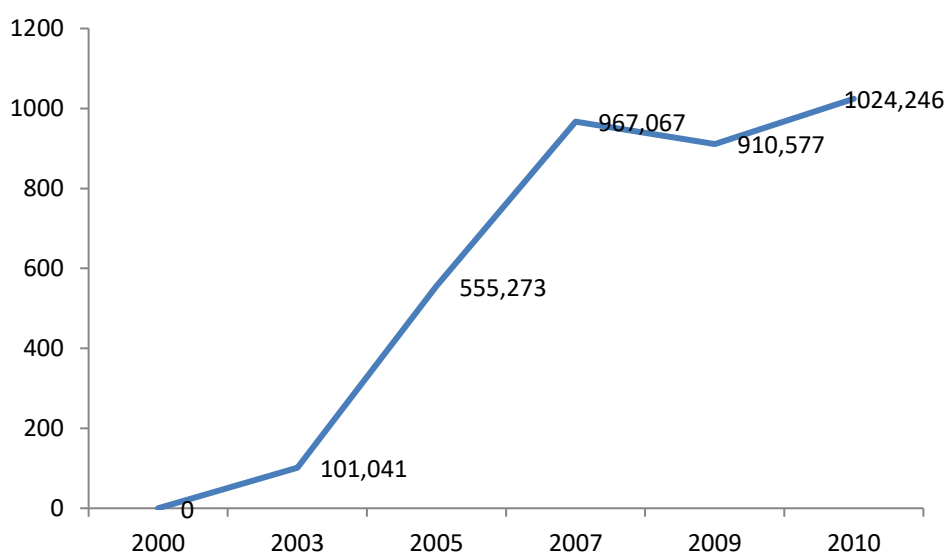
A aproximação de dois países subdesenvolvidos apesar de todos os subjulgamentos, o que melhor cabe transcrever esse vínculo é o sentido de relação centro x periferia de Raul Prebisch, no qual um dos países em questão tem o interesse em adquirir produtos com baixo valor agregado em grande quantidade (no caso

commodities da carne bovina *in natura*) para suprir suas necessidades dentro do país, e em contrapartida comercializar seus objetos tecnológicos de bastante valor agregado, em que o centro é entendido como a Rússia, desfazendo a idéia de uma relação comercial horizontal.

No começo do século XXI os contratos de exportações firmados entre os russos e brasileiros causaram importantes impactos positivos nessa cadeia produtiva. Nesse sentido, esse setor foi um dos principais beneficiários dessa relação (MELZ *et al.*, 2014, p.6).

Dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC) revelam que as exportações brasileiras de carne bovina para o mercado russo subiram 328,62% em toneladas e 1013,69% em dólares (U\$\$) de 2003 até o ano de 2010. Em relação às vendas por tonelada, o aumento quase que quadruplicou. Por outro lado, em relação ao dinheiro (dólares), o ganho de 2010 foi dez vezes superior ao de 2003. Tal fato permite estabelecer uma base para a consideração elencada acima, a de que esse período foi de grande importância para o aumento da relação entre os países e, sobretudo, nesse setor.

Gráfico 14 – Evolução da Exportação de Carne Bovina *in natura* em Bilhões de Dólares para a Rússia

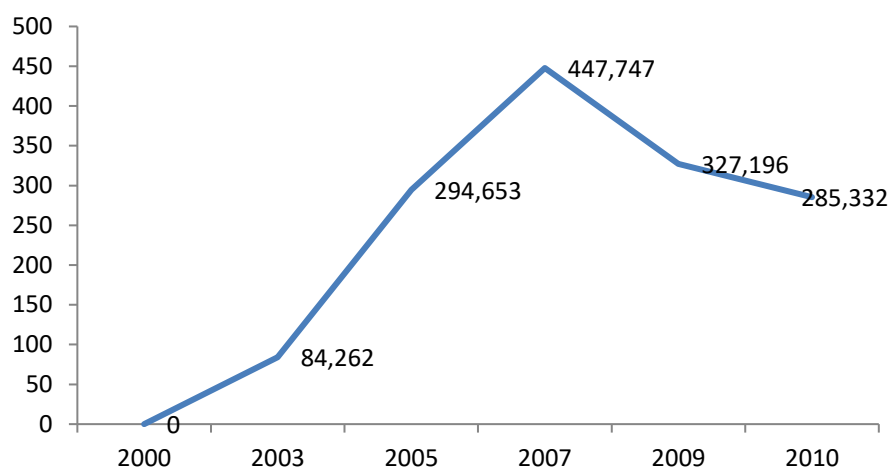


Fonte: ABIEC <http://abiec.com.br/Exportacoes.aspx> (2016).

O aumento da produção e exportação da carne bovina *in natura* para o país russo se iniciou no ano de 2001 já com 1 bilhão 869mil. Dólares, desde então a relação deste

setor para com os russos só aumentaram, tendo uma leve retração durante o período seguido a 2008, no qual a crise afetou a balança dos dois países.

Gráfico 15 - Evolução da Exportação de Carne Bovina *in natura* em Quantidade (Toneladas) para a Rússia



Fonte: ABIEC <http://abiec.com.br/Exportacoes.aspx> (2016).

Com o início deste setor comercial introduzido a partir do ano 2000, a quantidade interna de produtos teve que ser melhorada e ampliada para que os interesses externos fossem saciados. Em decorrência disso, inúmeros projetos e pesquisas para melhoramento do produto brasileiro foram produzidos, para garantir o contínuo atrativo da mercadoria no mercado. O que foi acompanhado no acréscimo de exportação em toneladas de carne *in natura* para os russos, com uma queda na quantidade importada no ano de 2008 também em fator da crise começada nos EUA.

De Paula e Ferrari Filho (2006 *apud* VIEIRA E VERISSIMO, 2009, p. 15) afirmam que, após 2002, o crescimento das exportações líquidas brasileiras implicou uma melhoria significativa dos indicadores de vulnerabilidade externa com a diminuição da relação dívida externa/exportações de 3,5, em 2002, para 2,1, em 2004. O período também foi marcado, no entanto, por alguns desafios, como a adequação e fiscalização da qualidade do produto em exportação.

Com relação a específica produção e comercialização de produtos de origem animal e vegetal, cabe-se ressaltar que, é necessário que eles estejam de acordo com as normas SPS (Medidas Sanitárias e Fitossanitárias) necessárias para garantir a qualidade e saúde do produto e também a saúde dos seres humanos, medidas que garantem a segurança tanto dos países que consomem quanto a dos que produzem estes produtos.

Ademais, essa certificação determina o status dos países como esses sendo livre de doenças.

Para Miranda *et al.* (2003 *apud* BRAUN *et al.*, 2008 p. 6) as medidas SPS além de possibilitarem a interrupção ou inviabilização do comércio de carne bovina entre os países, podem causar custos adicionais de produção ou comercialização, os quais derivam das exigências distintas entre certos países. Ainda, tais medidas de proteção, segundo ele, podem acarretar prejuízos relacionados aos processos de disputas durante o fechamento dos acordos de importação e exportação, visto que são consideradas caras e demoradas, além de serem extremamente burocráticas. Contudo, ainda com tantos riscos econômicos, estas normas sanitárias são fundamentais para garantir a segurança e qualidade dos produtos a serem consumidos, criando uma relação de confiança mútua entre os negociantes.

Essa relação estratégica e bilateral entre esses dois países favoreceu o crescimento da produtividade interna do agronegócio brasileiro. Além disso, de que tal relação tenha aumentado as exportações para a Rússia, em especial da carne bovina *in natura*, fato esse que agregou outras tecnologias ao negócio, as quais o Brasil não dispunha na época, como a tecnologia espacial.

Dados do IBGE sobre o PIB brasileiro nos anos de 2003 apresentam um crescimento de 1,15% em 2003, 5,71% em 2004, 3,16% em 2005, 3,96% em 2006, 6,09% em 2007, 5,17 em 2008, -0,33% em 2009 e 7,53 em 2010. O crescimento no setor empregatício do agronegócio subiu 96% entre o período de 2003 e 2010, mesmo período em que o agronegócio ganhava mais espaço dentro e fora do Brasil, o que possibilitou maiores oportunidades em todos os setores direta ou indiretamente ligados ao agronegócio (Ministério do Trabalho, 2016).

3.3. Considerações parciais

O agronegócio tem apresentado e possibilitado um desenvolvimento significativo nos demais setores, e conseqüentemente não só no cenário doméstico, mas também no âmbito internacional. O aquecimento desse setor possibilitou a transformação e aperfeiçoamento dos produtos, dos estudos e dos trabalhos para se consagrar um dos setores mais importantes do Brasil.

Através dos dados aqui dispostos, entre adversidades e possibilidades encontradas nessa relação bilateral entre Rússia e Brasil foi possível entender mais a

fundo como se deu essa parceria e estimar algumas expectativas positivas em torno do comércio de carnes bovina *in natura* para os russos.

Foi observado aspectos históricos, políticos, econômicos e também a evolução da carne e do agronegócio brasileiro frente ao mercado internacional como uma potência subdesenvolvida que ocupa o papel de periferia frente a uma relação com o país russo, também subdesenvolvido, porém tratado como centro neste vínculo.

Tanto a diplomacia brasileira, quanto a russa, teve uma alta parcela no aprofundamento das relações bilaterais entre os dois países. As dificuldades que os mesmos enfrentaram em meio às fortes e já desenvolvidas potências forçaram eles a buscarem relações com Estados ainda em desenvolvimento, como também era o caso da China, Índia, África do sul, entre outros. Países esses que, desde 2003 já começavam a estabelecer laços mais profundos, e que a partir do ano de 2008 formalizaram os BRICs (entrada da África do Sul apenas em 2011), visavam à cooperação mútua entre os integrantes com finalidades de ajudar e fortalecer o desenvolvimento econômico.

O começo do século XXI marcou uma nova era econômica e política para os dois países, além do começo de uma relação bilateral bastante prospera. Sucintamente o desenvolvimento deve ser visto por todos os lados e estudado a partir de políticas e idéias presentes nos países em questão, para que dessa maneira as dificuldades possam ser entendidas e não generalizadas causando confusões e distorções em suas resoluções.

Os teóricos utilizados neste trabalho tratam bem este assunto, afunilando todo o marco subdesenvolvimentista passado por essas duas regiões e trazendo informações de como e porque houveram tais acontecimentos.

Em uma comparação mais críticaa respeito do balanço dessa relação entre Brasil e Rússia, colocamos em pauta a predominância ainda que sejam dois países caracterizados pelo subdesenvolvimento, o Brasil inserido nesse vinculo bilateral exerce a política de um país periférico, responsável pela produção e exportação em grande escala de commodities da carne bovina *in natura*, enquanto o estado russo, entendido como central no que diz respeito a essa relação russo-brasileira detém conhecimento e pólos suficientes para se manter e exportar seus produtos altamente tecnológicos e desenvolvidos resultantes do modo no qual sofreu seu desenvolvimento histórico e reestruturação a partir do mesmo.

É viável dizer também que esse ingresso brasileiro no comércio exterior é altamente resultante do agronegócio, o qual dispõe de uma grande parcela política e social na cultura e história brasileira.

Através dessa visão analítica possibilitada por Raul Prebisch, relacionamos a alta inserção brasileira no cenário internacional decorrente do agronegócio, porém o mesmo priva o Estado de se desenvolver igualmente em outros setores, assim sendo, torna necessário estabelecer relações comerciais com outros países em busca de pólos tecnológicos e também manter seus principais produtos no âmbito internacional.

É claro que não devemos retirar os méritos desse setor, e do ambiente o qual ele encontrou as oportunidades de se desenvolver e garantir espaço em meio a concorrência mundial de países superdesenvolvidos. Este setor se desenvolveu através de inúmeros acordos sociais, econômicos e políticos, como no caso de parcerias com o governo em fiscalizações dos produtos e fornecimentos de bens necessários, entre outros.

É possível dizer que essa relação tem trazido mais ganhos para ambos os Estados se pensado por essa perspectiva histórica e aceitação de que continuamos apesar da boa inserção internacional, porém vistos como países da periferia. E o que pode se esperar para os próximos anos, segundo os dados encontrados a respeito, é a continuação dessa parceria e desse vínculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, assim, que as relações comerciais entre Brasil e Rússia, no que diz respeito à exportação de carne bovina *in natura* país reflete vários fatores os quais, em seu conjunto, apresentam um lado positivo, mas também apontam para uma relação entre países que apresentam níveis de desenvolvimento distintos. Ou seja, como evidenciado no primeiro capítulo deste trabalho, o Brasil e a Rússia estão envolvidos em uma situação que os permite avaliar enquanto em uma relação que em sua complexidade está intrínseca às considerações do sistema centro-periferia. Assim, o Brasil ocuparia, nessa relação, a posição periférica, enquanto que a Rússia seria o país que se ocuparia de aproveitar a exportação de produtos primários de um país subdesenvolvido para impulsionar outros setores, como o da indústria, o qual é mais impactante, segundo a perspectiva aqui adotada, para o desenvolvimento do país.

Deste modo, nessa relação em que o Brasil exporta um produto primário, pode-se considerar que ele trabalha de modo a reforçar sua condição de país subdesenvolvido ao invés de procurar investir em outros setores os quais favoreceriam o seu desenvolvimento e a sua entrada no sistema de outra maneira. Assim, apesar da historicidade que marca o desenvolvimento da economia brasileira, no que diz respeito à relação de subdesenvolvimento dentro do sistema, como já apresentado, uma busca por industrialização e não o sempre recorrente investimento na produção de produtos primários traria elementos mais favoráveis ao investimento desse país. Ou seja, o que se busca evidenciar aqui é que nessa relação entre Brasil e Rússia, apesar do desenvolvimento tardio da Rússia, considerado no segundo capítulo deste trabalho, esse país, na sua relação com o Brasil, ocupa a posição de “centro absorvido das *commodities* da colônia”.

Isso, como já reforçado, não significa que o histórico desenvolvimento da Rússia e seus problemas, assim como, as semelhanças que apresenta com o processo brasileiro, devam ser desconsiderados. Isso porque, enfim, é também esse elemento que impulsiona o estabelecimento de contatos e relações entre esses países, quando, por exemplo, são criados grupos, como os BRICS, que impulsionam a aproximação comercial entre esses países. Assim, com o esforço da diplomacia de ambos os países, o que se pode perceber foi uma aproximação entre eles, tornando-os, assim, importantes parceiros comerciais, sobretudo no que diz respeito à exportação brasileira de carne bovina *in natura* para a Rússia.

Em resumo, pode-se observar a partir dos dados e considerações apresentadas acima que esse comércio tem grande importância para ambos os países, mas, sobretudo, para o Brasil, o que se posiciona mundialmente enquanto um grande exportador de carne bovina. Entretanto, apesar disso, ressalta-se a necessidade desse país procurar, assim como apontado pelos teóricos cepalinos, novas formas de inserção na economia e comércio mundiais, visto que, o foco na exportação de *commodities* e produtos primários de várias naturezas, no qual o Brasil parece se concentrar atrasa seu processo de desenvolvimento e, conseqüentemente, de superação do subdesenvolvimento a que está submetido dentro do sistema centro-periferia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIEC. Associação Brasileira das Industrias Exportadoras de Carnes. Disponível em: <<http://abiec.com.br/Exportacoes.aspx>>. Acessado em 05/12/2016.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. RaúlPrebisch: **O manifesto latino-americano e outros ensaios**. Prefácio. In: PREBISCH, R. O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios. Rio de Janeiro: Contraponto e Centro Internacional Celso Furtado, 2011.

BORJA, Bruno. **A formação da Teoria do Subdesenvolvimento de Celso Furtado**. Tese de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. **Economia brasileira**. Florianópolis : Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília] : CAPES : UAB, 2010. 140p.

Câmara Brasil-Rússia de Comercio, Industria e Turismo. 2017. Disponível em: <http://www.brasil-russia.org.br/pt-br/sobre_a_russia>. Acessado em 05/12/2016.

CANO, Wilson. Notas Sobre a Crise da URSS. **Economia e Sociedade**, v.9, n.1, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643126/10676>>. Acessado em 06/12/2016.

CANO, W. 1999. América Latina : do desenvolvimento ao neoliberalismo. In : FIORI, J. L. (org.). **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis : Vozes.

COUTINHO, Mauricio C. Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina, de Celso Furtado. **Revista de Economia Contemporânea**, 2015.

COUTO, Joaquim Miguel. O pensamento desenvolvimentista de RaúlPrebisch. **Economia e Sociedade**. Campinas, v.16, n.1 (29), p.45-64, 2007.

DE PAULA, L. F. R.; FERRARI FILHO, F. Liberalização financeira e performance econômica: a experiência recente dos BRIC. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 11, 2006, Vitória. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), 2006.

VERISSIMO, Michele Polline. Crescimento econômico em economias emergentes selecionadas: Brasil, Rússia, Índia, China (BRIC) e África do Sul. **Econ. soc.**, Campinas , v. 18, n. 3, p. 513-546, Dez. 2009 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182009000300004>. Acessado em 20/06/2016.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em:< <https://www.embrapa.br/gado-de-corte/historia> >. Acessado em 17/03/2017).

EUCLIDES, Valéria Pacheco Batista. **Desempenho Animal em Pastagens**. In: Cursos de Pastagens para Técnicos da Emaper. Campo Grande: EMBRAPA, 1998, p 100- 124.

FURTADO, Celso. **Comentários sobre estudos do Professor Rosenstein-Rodan**. In ELLIS, H. & WALLICH, H. (orgs.) Desenvolvimento Econômico para a América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, [1957] 1964.

_____. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

_____. **Essencial Celso Furtado**. Organização, apresentação e notas: Rosa Freire d'Aguiar. Prefácio: Carlos Brandão. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2013. 527 p.

FILGUEIRAS, Luiz. Projeto político e modelo econômico neoliberal no Brasil: implantação, evolução, estrutura e dinâmica. **Núcleo de Estudos Conjunturais**. Disponível em: < <http://www.nec.ufba.br/>>. Acessado em 09/12/2016.

NETO, José Bernardo de Medeiros. **Desafio à Pecuária Brasileira**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1970.

FERNANDES, Luis Manoel. **Rússia: do Capitalismo Tardio ao Socialismo Real**, 1999.

GASPAR, Ricardo Carlos. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. **Cad. Metrop**, vol.17, n.33, 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962015000100265&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1517-2422. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2015-3312>>. Acessado em 06/12/2016.

ITAMARATY. Ministério das Relações Exteriores Brasileiras. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5587-federacao-da-russia>>. Acessado em 10/02/2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm> >. Acessado em 11/02/2017.

KHANIN, Grigory. Desyyatiletiumfasovetskoiekonomiki: pyatidesyatyebody (Década de triunfo da economia soviética: anos de 1950). Em **Svobodnayamysf**, pág. 50-67, 2002.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIAS E COMÉRCIO EXTERIOR. Disponível em: < www.mdic.gov.br/>.

MACIEL, David. O governo Collor e o neoliberalismo no Brasil (1990-1992). **Revista UFG**, ano XII, nº11, 2011. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2011/arquivos_pdf/artigos_o_governo.pdf>. Acessado em 07/11/2016.

MIRANDA, S. H. G.; GALLI, F.; ALMEIDA Jr., C. F. G.; BURNQUIST, H. L. As questões sanitárias e o comércio internacional. In: BRAUN, Mirian Beatriz Schneider; SANTOS, Franciele Roberta dos; FIGUEIREDO, Adelson Martins; CARDOSO, Rubiana Danielle. Impacto das barreiras sanitárias e fitossanitárias na competitividade das exportações brasileiras e paranaenses de carne bovina. **Anais do XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/665.pdf>>. Acessado em 20/06/2016.

MELZ, Laércio Juarez et al . Determinantes da demanda internacional de carne bovina brasileira: evidências de quebras estruturais. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília , v. 52, n. 4, p. 743-760, Dec. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032014000400007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20/06/2016.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, Embaixada do Brasil em Moscou. Brasil – Rússia. Disponível em:< http://moscou.itamaraty.gov.br/pt-br/brasil_-_russia.xml >. Acessado em 20/06/2016.

NASSIF, André. Há evidências de desindustrialização no Brasil? **Brazilian Journal of Political Economy**, vol. 28, nº 1 (109), pp. 72-96, 2008.

PEREIRA, Cláudia Gonçalves. Celso Furtado e a Teoria do Subdesenvolvimento. **XII Congresso Brasileiro de Sociologia**. 2005.

PREBISCH, Raúl. **O Desenvolvimento Econômico da América Latina e Alguns de seus Principais Problemas**. In: PREBISCH, R. O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaio. Rio de Janeiro: Contraponto e Centro Internacional Celso Furtado, [1949], 2011.

_____. **Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico.** In: PREBISCH, R. O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaio. Rio de Janeiro: Contraponto e Centro Internacional Celso Furtado, [1951], 2011.

PECEQUILO, C. S.; CARMO, C. A. **O Status da Rússia na Política Internacional: de Superpotência a Emergente.** 7º Encontro da ABCP. Disponível: <http://www.academia.edu/6590471/O_Status_da_R%C3%BAssia_na_Pol%C3%ADtica_Internacional_de_Superpot%C3%Aancia_a_Emergente>. Acessado em 20/06/2016.

STÉDILE, João Pedro. Anos 1980, década perdida ou ganha. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Ano 9 . Edição 72, 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2759:catid=28&Itemid=23>. Acessado em 05/02/2017.

STARODUBROVSKAIA, Irina. **Reformas Da Economia Russa No Pós-Comunismo: Os Resultados E As Perspectivas.** In: Brasil – Rússia: o fortalecimento de uma parceria. Brasília : FUNAG, 2005.

SEGRILLO, Angelo. **As transformações URSS/Rússia: reforma ou revolução.** In: Brasil – Rússia: o fortalecimento de uma parceria. Brasília : FUNAG, 2005.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André and GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. **Rev. Bras. Econ.** 2008, vol.62, n.2, pp.221-246. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 05/02/2017.